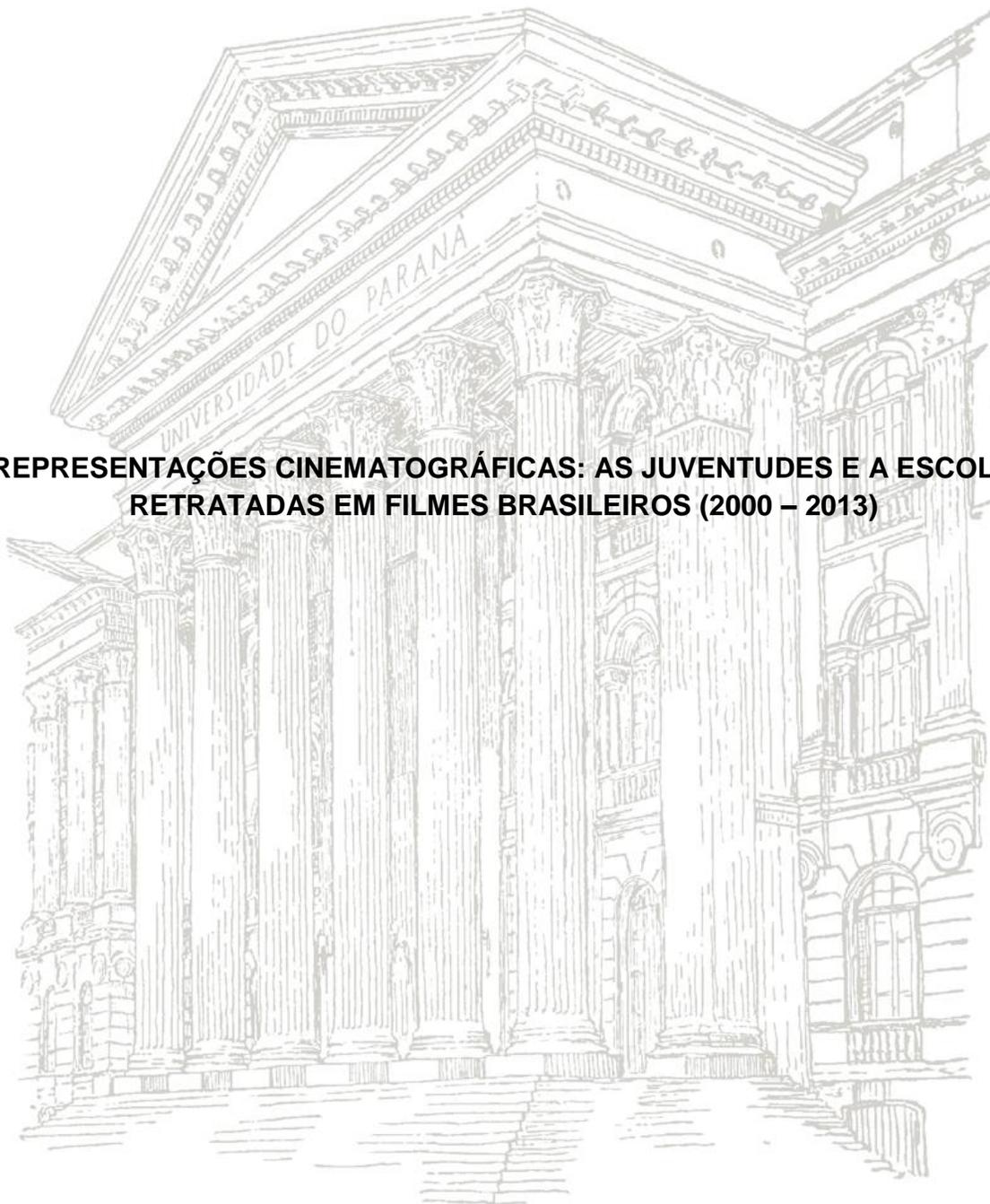


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO**

Vanessa Raianna Gelbcke

**REPRESENTAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS: AS JUVENTUDES E A ESCOLA
RETRATADAS EM FILMES BRASILEIROS (2000 – 2013)**



**CURITIBA
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO**

Vanessa Raianna Gelbcke

**REPRESENTAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS: AS JUVENTUDES E A ESCOLA
RETRATADAS EM FILMES BRASILEIROS (2000 – 2013)**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia do
Setor de Educação, da Universidade
Federal do Paraná, como pré-requisito
para a obtenção do grau de licenciada em
Pedagogia.**

**Orientadora: Prof^a Dra. Monica Ribeiro da
Silva**

**CURITIBA
2014**

Dedico este trabalho à

*Todos os jovens que cursam o ensino médio e sofrem vítimas de estereótipos
propagados pela sociedade e são calados pelo sistema educacional
Todos os professores e produtores de cinema, com a esperança de que possam
enxergar os jovens de outra forma, os compreendendo.*

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À meu Pai, Valter Gelbcke, que me ensinou a ser persistente, a não desistir dos meus sonhos, que sempre esteve ao meu lado durante a graduação inteira, me ajudado no que era preciso, me dando forças, me buscando em dias de chuva, desligando a tv para que eu pudesse me concentrar, entre outras atitudes que se escrevesse daria outro TCC. O seu exemplo, a sua dedicação, me mostraram que um dia eu conseguiria, se hoje estou escrevendo a dedicatória do meu último trabalho da graduação, devo a você, com toda certeza.

À minha mãe, que mesmo não estando tão perto durante a graduação, nunca ficou longe, sempre tinha uma palavra de incentivo guardada na manga, nunca deixou que nada me abalasse, e mesmo que isto acontece estava lá para me dar um abraço. Sua garra foi o que motivou e me deu bases para chegar até aqui, sem você eu não seria nada.

À minha Avó, Florentina Gelbcke, que mais do que me ensinar a não desistir dos meus sonhos me mostrou o que é ser forte e vitoriosa.

À minha família buscapé, Soeli, Andressa, Ana, Ricardo, Lucas, Roberto, Gean, Tamires, Fernando, Flávia, Gilmar, que souberam compreender minhas ausências e me deram um super apoio desde a minha aprovação no vestibular.

Às minhas Princesas Luana e Nicole, que com os jeitinhos mais carinhosos sempre tinham um abraço e um sorriso lindo para alegrar e animar meus dias. E as suas mães Elaine e Andressa que me permitiram conviver com elas e me ensinaram muita coisa sobre a educação de crianças.

À Eloise Medice, que me ensinou métodos de concentração para escrever este trabalho, em meio a tantas distrações.

À Patrícia Stoski pela parceira, por se desesperar comigo, quando os prazos se encurtavam, por me mostrar todos os dias que eu não era a única a sofrer com o final da graduação.

À Vanessa Correa, Vanessa Ferres, Renata Manczur, por estarem ao meu lado neste último ano, me dando forças e me dizendo que conseguiria chegar lá. Vocês me ensinaram que uma amizade, por mais conturbada que seja, é o alicerce para continuarmos andando, enfrentando nossos medos e nos superando a cada dia.

À todos os colegas do curso de Pedagogia, com quem dividi alegrias e tristezas, choros e risadas, desesperos e sorrisos. A caminhada foi mais suave ao lado de vocês.

Ao Observatório do Ensino Médio, Ana Caldas, Monica Ribeiro, Eloise, Patrícia, Clarissa, Aline, Amanda e Emilene, que me proporcionaram grandes aprendizados nestes últimos anos e principalmente me aguentaram, me dando força e apoio

À todos os professores e professoras da UFPR que dedicaram tempo e trabalho em minha formação, em especial à Professora Monica Ribeiro e Carlos Eduardo Vieira, meus orientadores de Iniciação Científica que me inspiraram e continuam inspirando cada dia mais.

A CAPES e CNPq, que financiaram três anos de iniciação científica, o que considero ter sido de fundamental importância para minha formação.

*Sempre quis falar
Nunca tive chance
Tudo o que eu queria
Estava fora do meu alcance
[...]
Eu sei como é difícil acreditar
Mas essa porra um dia vai mudar
Se não mudar, pra onde vou...
Não cansado de tentar de novo
Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério
(Não é Sério, Charlie Brown Jr)*

RESUMO

O cinema se caracteriza como um importante meio de comunicação da sociedade atual, por meio dele pode-se conhecer culturas diferentes, fatos históricos, conhecer as hipóteses para nosso futuro, e também, nos aproximar da realidade vivida em nossa sociedade. Neste trabalho discutiremos sobre a representação cinematográfica da juventude brasileira e das instituições escolares, pública e privada, buscando compreender quais imagens vem sendo produzidas pelo cinema brasileiro contemporâneo. Para tanto foi realizado um levantamento de filmes que se encaixassem nos seguintes tópicos, (1) ser uma obra brasileira, (2) ter sido produzido entre os anos 2000 e 2013, (3) retratar a juventude brasileira que frequenta a escola como protagonista, (4) retratar a instituição pública ou privada de ensino. Após foi selecionado dois filmes – Pro dia nascer Feliz (2006) e As melhores coisas do mundo (2010) – de acordo com a facilidade de acesso ao material. Como resultado da análise das obras cinematográficas se identificou diferenças na forma de representação da escola pública e da escola privada, especialmente, nos aspectos referentes a infraestrutura e ao trabalho docente, no tocante ao jovem, se identificou uma busca por quebra de estereótipos referentes ao jovem de classe baixa e uma preocupação com seus futuros, enquanto na obra protagonizada por jovens de classe media e alta, a preocupação se centrava no presente e na opinião dos demais colegas. Resumidamente, os resultados evidenciam a heterogeneidade da juventude brasileira, bem como a diversidade de condições educacionais que estão submetidos.

Palavras-Chaves: Juventude, Cinema, Representação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Fotograma do filme Pro dia nascer feliz (2006) 06'06" – Sala de aula da escola do município de Manari	38
Figura 02	Fotograma do filme Pro dia nascer feliz (2006) 15'35" – Alunas do período noturno da escola do município de Inajá.....	39
Figura 03	Fotograma do filme Pro dia nascer feliz (2006) 26'19" – Conselho de Classe da escola do município de Duque de Caxias.....	41
Figura 04	Fotograma do filme Pro dia nascer feliz (2006) 31'39" – Ensaio da Banda da escola do município de Duque de Caxias.....	42
Figura 05	Fotogramas do filme Pro dia nascer feliz (2006) 37' – Sequência de cenas do ambiente da escola do município.....	44
Figura 06	Fotograma do filme Pro dia nascer feliz (2006) 44'32" – Alunos durante a oficina de Fanzine na escola do município.....	45
Figura 07	Fotograma do filme Pro dia nascer feliz (2006) 29'19" – Estudante Deivison Douglas.....	49
Figura 08	Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 10'59" – Estudantes durante a aula de biologia no Colégio Paulista.....	56
Figura 09	Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 11'03" – Desenho de estudantes referente a uma colega de turma.....	57
Figura 10	Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 28'16" – Estudantes durante uma aula de Física no Colégio Paulista.....	58
Figura 11	Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 1:12'00" – Reunião de Pais no Colégio Paulista.....	59
Figura 12	Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 35'56" – Mano retornando para casa.....	61

Figura 13	Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 1:25'36'' – Mano e Carol se beijando.....	62
Figura 14	Fotograma do filme Pro Dia Nascer Feliz (2006) 20'12'' – cena da sala de aula vazia da escola do município de Duque de Caixias.....	64
Figura 15	Figura 15 – Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 19'14'' – Cena da sala de aula vazia do Colégio Paulista.....	64

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O CINEMA COMO OBJETO DE ESTUDO.....	15
2.1 - A HISTÓRIA DO CINEMA.....	17
2.2 - O CINEMA ENQUANTO INSTRUMENTO DE REPRESENTATIVIDADE.....	19
2.3 - A ESPECIFICIDADE DO CINEMA BRASILEIRO.....	22
3. JUVENTUDES: UM CONCEITO ESTÁVEL?.....	27
3.1 JUVENTUDE OU JUVENTUDES.....	27
3.2 AS JUVENTUDES BRASILEIRAS.....	29
3.3 JUVENTUDES E A INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	31
4. A REPRESENTAÇÃO DA JUVENTUDE DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO NO CINEMA BRASILEIRO.....	35
4.1 – O FILME “PRO DIA NASCER FELIZ”.....	35
4.2 – A ESCOLA REPRESENTADA: SUAS MAIS DIVERSAS FACES.....	37
4.3 – AS PERSPECTIVAS DAS JUVENTUDES, SUAS OPINIÕES E ANSEIOS.....	46
5. A REPRESENTAÇÃO DAS JUVENTUDES DE INSTITUIÇÕES PARTICULARES DE ENSINO NO CINEMA BRASILEIRO.....	54
5.1 – BREVE RELATO DA HISTÓRIA DO FILME “AS MELHORES COISAS DO MUNDO”.....	55
5.2 – AS IMAGENS DO COLÉGIO PAULISTA.....	55
5.3 – AS JUVENTUDES DE CLASSE MÉDIA E SEUS ANSEIOS.....	60
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
7. REFERÊNCIAS.....	67

1. INTRODUÇÃO

Estudar a temática cinema e juventude exige do pesquisador uma reflexão em torno de questões cruciais que delimitaram o objeto de estudo. Questões como: o que pesquisará? Qual a relevância do tema? Qual metodologia utilizará? Quais teóricos embasarão a pesquisa? Entre outras questões que se colocam durante o processo. Diante disto, pensei muitas vezes antes de definir um tema para desenvolver em meu trabalho de conclusão de curso. Muitas ideias persistiram, e ainda persistem como problemas que, acredito, podem gerar grandes discussões acadêmicas. Devido à minha trajetória acompanhando o grupo de estudos “Olhares sobre a escola”¹ - em que discutimos de que forma a instituição escolar é representada em produções cinematográficas - e o Grupo de Pesquisa “Juventude, Escola e Trabalho: sentidos e significados atribuídos à experiência escolar por jovens que buscam a educação profissional técnica de nível médio”² - onde refletimos sobre a relação existente entre jovens, escola e o mundo trabalho, perpassando por aspectos como currículo e culturas juvenis - passei a me questionar em como o cinema é interpretado socialmente, e em como este jovem passa a ser representado.

Em geral as pessoas não são preparadas para assistir a filmes e buscar problematizar as situações exibidas, eles são vistos, via de regra, como mero elemento lúdico, uma boa possibilidade de poder sonhar com outras realidades e de ter um bom tempo de entretenimento. Porém, me proponho neste trabalho a interagir com as produções midiáticas de forma mais intensa, não só como espectadora, mas como uma futura pedagoga e pesquisadora. Quando comecei a considerar desenvolver uma pesquisa que utilizaria a filmografia como objeto, passei a me questionar qual seria a importância, a utilidade de tal pesquisa para a educação. Não posso dizer que encontrei uma resposta para tal questão, porém alguns argumentos me convenceram a levar esta pesquisa adiante. Não há como negar a abrangência da cultura visual, e a escola

¹ Integrantes do Grupo: Jessica Santos, Débora Tamires Porcel, Marilene Noriko Treider Otani, Marcelo Francisco, Aline Fernanda Carneiro, Andreia Bráz, Ana Caroline Ferraz, Janaína Felício Stratmam, Cláudia Prestes, Giovana Fraron Oss e a coordenadora Lennita Oliveira Ruggi.

² Grupo de Pesquisa relacionado ao Observatório do Ensino Médio – Juventude, Escola e Trabalho OBEDUC/CAPES, coordenado pela Prof^a Dr^a Monica Ribeiro da Silva.

também é invadida por essa cultura, que advêm principalmente da mídia. Nossos/as estudantes aprendem com a televisão, com os filmes e com os videocliques de forma lúdica, prazerosa e conectada à vida contemporânea. E não aprendem apenas novas linguagens e novos códigos, mas aprendem como agir e se comportar em sociedade. Desta forma, passei a ver os filmes como um conjunto de significações, que não apenas divertem, mas também, desenvolvem uma pedagogia, ensinam modos de vida.

Para se compreender a influência que o cinema exerce na vida dos indivíduos, é necessário observar mais atentamente as possibilidades de análises presentes nas cenas. Passa-se despercebido os diversos elementos encontrados nos filmes que se relacionam com os variados saberes da sociedade, e isso pode ser explorado em conjunto com suas imagens, suas temáticas, suas representações históricas, seu paralelo com a literatura, sua percepção de mundo, entre outras. Enfim, pode-se constatar que há uma infinidade de possibilidades de pesquisas desenvolvidas cujo objeto são produções cinematográficas ou mesmo o cinema enquanto sétima arte.

Partindo destas argumentações, tomo o cinema como objeto de pesquisa, mais especificamente o cinema brasileiro, buscando produções que representem o/a jovem enquanto estudante, ou seja, o/a jovem na instituição escolar. Parto da hipótese de que estes filmes, ao retratarem as juventudes e seus modos de ser/estar, possuem reflexos no comportamento dos espectadores, especialmente daqueles/as em uma faixa etária próxima dos personagens da trama. Da mesma forma a escola, enquanto espaço de convivência juvenil, ganha significados dentro de uma produção fílmica, significados estes que atuam como marketing da educação brasileira, evidenciando aspectos que só podem ser presenciados por aqueles que frequentam a instituição, revelando as dificuldades e satisfações vivenciadas por estudantes, professores/as, equipe pedagógica e funcionários.

Em suma, este trabalho se delimita a pesquisa com filmes brasileiros que tragam representações da juventude e da escola, buscando identificar de que forma eles representam a juventude, bem como qual a imagem transmitida quanto à função da instituição escolar na vida dos/as jovens. Isto é, De que forma pode-se enxergar a juventude no filme? E a escola? Como as juventudes e a escola se relacionam? Há alguma diferença nas concepções de escola e juventude baseadas na situação

econômica dos envolvidos?

Após a decisão sobre a temática que desenvolveria comecei um levantamento de textos e pesquisas realizadas que utilizassem o cinema como objeto, bem como discussões referentes às juventudes. Pude constatar um número pequeno de pesquisas na área educacional que trabalham com o cinema como instrumento que por si só educa a sociedade. Em geral, as pesquisas trazem o cinema enquanto aparato metodológico capaz de aprofundar os conteúdos trabalhados em sala de aula, ou seja, visto de uma perspectiva tecnológica. Porém, há trabalhos produzidos fora do campo educacional que estudam as mídias como sistemas de representações, é caso de autores/as como Codato (2010), Moraes (1998) e Câmara, et al (2009). Estes apresentam argumentos diferenciados que oscilam entre a defesa do cinema como representação de fragmentos da realidade - assim ele jamais apresentaria a sociedade exatamente como ela é, mostrando apenas aquilo que uma sociedade deseja que seja representado - e o cinema enquanto obra ficcional desconexo da realidade. Já para Ismael Xavier (2003) a forma como o cinema trabalha a representação possibilita fluir as ações, forjando uma sensação de que o mundo se tornou palpável ao espectador.

Nesta pesquisa a questão não é apenas confirmar se a representação é fiel à realidade ou não o é, mas identificar de que forma esta representação tem produzido imagens sobre a escola pública e em particular do ensino médio e da juventude. Considerando que toda produção traz implícita ideologias de quem as produziu, gerando efeitos sobre o social, um filme, além do imaginário social, veicula crenças, desejos e medos daquele que o fez, bem como da sociedade a qual está inserido.

Adentrando a especificidade do Cinema Brasileiro, em sua maioria os filmes abordam temas relacionados a questões sociais e políticas, e recebem duras críticas especialmente quanto à produção (imagens, luz e som de péssima qualidade), as cenas que frequentemente evidenciam situações de violência (social ou física) ou ainda que apenas retratam aspectos ruins da nação, as favelas, as corrupções, os “malandros”, a miséria e a linguagem. E de outro lado há grupos que se identificam com as representações enunciadas, revelando a influência que o cinema tem na construção de identidades, possibilitando a formação e demarcação de fronteiras simbólicas que definiram aqueles/as que podem-se considerar como membros do grupo e aqueles que

não o podem. O que se pode concluir disso é que o cinema brasileiro tem contribuído significativamente para a construção da história do país, evidenciando realidades muitas vezes desconhecidas pela própria população.

É esta indagação sobre a identidade representada nos filmes brasileiros que serviu de base para a construção deste trabalho, porém na tentativa de delimitação do objeto de estudo se buscou problematizar a identidade da instituição escolar e da juventude que a frequenta. Tal escolha se justifica pela grande maioria das produções brasileiras que envolvem a escola retratarem a última etapa do ensino básico, ou seja, o ensino médio e aqueles que a frequentam. Diante desta proposição, discutir quais são essas juventudes se torna essencial para o desenvolvimento do trabalho.

Parto de uma concepção de juventude que vai além da ideia e da representação de um período de transitoriedade da vida, baseada nas ideias do autor e pesquisador Juarez Dayrell, que busca romper com tal marca presente na escola, que tem o sujeito que a frequenta como um “vir a ser”, negando o presente vivido e as relações estabelecidas por ele no espaço escolar. É neste sentido que se faz necessário pensar sobre as ideias de juventude presentes na sociedade, que podem levar a determinados modelos de como ser jovem, sem conseguir compreender os modos como as juventudes constroem suas experiências.

Nesta linha de argumentação, e pensando quanto ao jovem representado nas telas no Brasil, as produções envolvendo a juventude iniciaram por volta de 1980 com o filme “Menino do Rio” de Antônio Calmon, seguido por outras produções que representavam as juventudes brasileiras. A partir dos anos 2000 podemos verificar uma nova forma de representação que traz o jovem como protagonistas trazendo aspectos do seu dia-a-dia, suas angústias, medos, expectativa, entre outros, tendo a escola enquanto principal espaço no enredo. São exemplos destas produções: *As melhores coisas do mundo* (2010) dirigido por Laís Bodanzky, *Desenrola* (2011) de Rosane Svartman, o documentário *Pro Dia Nascer Feliz* de João Jardim (2006) que retrata a cruel realidade de adolescentes na escola, entre outros filmes. Para o desenvolvimento deste trabalho será tomada como metodologia a pesquisa quali quantitativa, buscando identificar através de análise documental, como as juventudes e a escola são representadas pela filmografia brasileira. Para tanto, foi necessário realizar um

levantamento da filmografia brasileira que tivesse implícita ou explícita a representação do/a jovem enquanto estudante. A partir deste levantamento foi realizada uma seleção de filmes que preenchem os requisitos: ser brasileiro, ser produzido entre os anos 2000 e 2013, trazer as juventudes como protagonistas do enredo e possuir a instituição escolar, pública e/ou privada, como um dos cenários. Após isto foram eleitas duas produções cinematográficas, uma que representa a instituição pública e outra que retrata a instituição privada, para serem analisada com maiores detalhes.

Em síntese, pode-se concluir que tanto a cinematografia brasileira como as juventudes são temas que se desdobram e abrem inúmeras possibilidades de pesquisas acadêmicas que podem contribuir para que se conheça a realidade social em que vivemos.

2. O CINEMA COMO OBJETO DE ESTUDO

Em meados do século XX o cinema passou a ser considerado uma fonte rica de pesquisas, pois oferece elementos que podem ser decodificados auxiliando no conhecimento acerca de uma sociedade, seus costumes, crenças etc. Através das imagens refletidas na tela podemos observar fatos ocorridos no passado, ou ficções científicas de como a sociedade virá a ser futuramente. Com o advento do cinema criou-se a possibilidade de fazermos uma leitura "imaginada" da sociedade e da história, onde tudo estaria ao alcance do nosso olhar, o espectador se transforma nos protagonistas do filme que assiste, toma para si o corpo e a alma de seus heróis, e com isso pode viajar no tempo e no espaço, sem correr qualquer risco (PEREIRA, 2005). Então, o filme cinematográfico passa a ser a mais perfeita "imitação da vida", onde idealizamos a realidade e vemos nossos sentimentos mais íntimos externalizados por meio de imagens e sons.

Na ficção cinematográfica, junto com a câmera estou em toda a parte e em nenhum lugar, em todos os cantos, ao lado das personagens, mas sem preencher espaços, sem ter presença reconhecida. Em suma, o olhar do cinema é um olhar sem corpo. Por isso mesmo ubíquo, onividente. Identificado com esse olhar, eu espectador tenho o prazer do olhar que não está situado, não está ancorado, vejo muito mais e melhor. (XAVIER, 1988, p. 370).

Com o intuito de transmitir esta sensação de pertencimento ao enredo do filme, as obras fílmicas se utilizam de técnicas específicas, desde o roteiro até a posição da câmera e iluminação. Ou seja, os aspectos utilizados na produção do filme têm como objetivo transmitir a sensação de realidade ao espectador, registrando e/ou reconstruindo fatos comuns ao cotidiano na sociedade, permitindo que se estabeleça um sentimento de pertencimento, uma identificação com a obra. Além disto, o filme, seja qual for, pode ser encarado como um testemunho da sociedade que o produziu, aqui encontramos a principal razão para o cinema ser considerado uma fonte rica para a pesquisa social, pois através das obras fílmicas podemos conhecer uma determinada sociedade, ou pelo menos, conhecer aspectos sócio, histórico e políticos desta.

Da mesma forma, é perceptível que o resultado de um filme pronto, carrega mais informações do que a simples história narrada. Ao se realizar uma análise minuciosa

das películas, observando os enquadramentos, planos, cortes, linguagem entre outros elementos, pode-se encontrar significados, analogias que o espectador acaba por internalizar inconscientemente, sem perceber.

Em suma, o cinema, enquanto objeto de estudo, se apresenta como uma expressão da cultura que propicia outros referenciais interpretativos da realidade social. Assim, o cinema é tido como um caleidoscópio de significados verbais e não-verbais. Segundo Flório (2006, p. 7)

[...] pode-se interpretar o conteúdo imagético como emissor de olhares plurais e subjetivos que se debruçam sobre os diversos cacos e fragmentos da vida na modernidade. Por tanto, entende-se que é significativo refletir sobre o necessário entrecruzamento de análises temáticas (conteúdo) com análises de técnicas visuais (forma), com o objetivo de aprofundar principalmente a noção de estética como percepção do mundo.

Flório (2006) destaca a importância de se aprofundar a análise do conteúdo do filme juntamente com as técnicas utilizadas para produzi-lo, reafirmando as intenções desta monografia, em analisar duas obras brasileiras em suas temáticas e técnicas. Já para Marcelo e Fischer (2011) desencadear uma pesquisa em Cinema e educação necessita trabalhar três dimensões “linguagens específicas”, “público ao qual se destina” e “objetivos em foco”. Este apontamento acrescenta aspectos que tornam a pesquisa mais completa e com resultados mais significativos, pois delinea o olhar do pesquisador para pontos que nem sempre são discutidos ou percebidos ao se assistir um filme. Em outras palavras, determinar uma agenda para realizar uma pesquisa que possui o cinema como objeto de estudo significa deixar de ser um simples espectador para ser um pesquisador-espectador, significa utilizar as obras fílmicas como subsídio para se compreender determinado assunto. Neste caso, utilizar duas obras brasileiras para entender como o jovem e a escola brasileira vêm sendo representados.

Para aprofundar esta análise será abordada brevemente a história do cinema, dando ênfase às técnicas utilizadas, aos principais temas e à repercussão social desta nova tecnologia que surgia em meados do século XIX. Em seguida será discutido este mecanismo audiovisual como instrumento de representação social, ou seja, a utilização do cinema como espelho da sociedade, trazendo discussões, debates que são vividos socialmente, e por fim, será tratada da especificidade do cinema brasileiro, objeto de

estudo desta monografia, abordando suas características, influência social e repercussão.

2.1 A história do Cinema

Muitos historiadores afirmam que a história do cinema é anterior a 1895, no *Grand Café do boulevard des Capucines*, em Paris, onde os irmãos Lumière conseguiram projetar imagens ampliadas numa tela graças ao cinematógrafo³, porém são eles os considerados inventores do cinema. Como relata Mannoni (2003, p. 412)

Definitivamente, foram os Lumière que encontraram a solução completa para o problema da projeção de filmes cronofotográficos. Ninguém na Europa nem nos Estados Unidos havia conseguido o intento com tamanha eficiência antes da sessão histórica de 22 de março de 1895. E isto basta, creio eu, para se atribuir aos Lumière o grande e verdadeiro mérito que lhes cabe. Um mérito incontestável, que no entanto não pode ser exagerado.

Com o cinematógrafo os irmãos transmitiam filmes de curta duração que apresentavam testemunhos da vida cotidiana, sem a preocupação de contar uma história, por exemplo, a chegada de um trem na estação, a saída de operários da fábrica, a queda de um muro, um bebê sendo alimentado, etc. Para os irmãos Lumière, o cinematógrafo era apenas uma invenção sem futuro.

A partir da década de 10, os filmes passam a ser mais elaborados em sua estrutura narrativa, passam a ter vários planos ligados entre si, e a filmagem assumia uma relação direta com a montagem, sendo o marco a produção “O Nascimento de uma Nação” de Griffith (1915), que utilizava diversos enquadramentos, closes e planos fechados que destacavam a ação. Já nos anos 20 há o ápice e o declínio do cinema mudo, o som é adotado por todas as produtoras, obrigando atores e cineastas a repensarem a linguagem cinematográfica. A introdução da linguagem sonora nos filmes se expandiu com o passar dos anos, possibilitando a ampliação de gêneros fílmicos, como musicais, filme de gangster, entre outros. Os anos 50 são marcados pela liberdade de temas, surgindo assuntos até então proibidos, como drogas, prostituição e

³ Invento equipado com um mecanismo de arrasto para a película.

miscigenação racial e, os anos 70, pela entrada no cinema nas casas, através dos videocassetes, diminuindo consideravelmente o público que assistia aos filmes nas salas de exibições. Completando um século, nos anos 90, o cinema passa por uma de suas transformações mais radicais, o filme de celuloide é substituído pelo filme digital e as moviolas⁴ substituídas pelo computador, ou seja, o sistema análogo que até então era utilizado na produção e exibição dos filmes é trocado pelo sistema informatizado.

A partir do século XXI, os equipamentos mais leves e ágeis possibilitam a captação da imagem com maior qualidade, e com baixo-custo. Além disto, as tecnologias permitiram a ampliação da circulação dos filmes a nível nacional e internacional. O interesse da população foi aumentando e as produtoras passaram a investir em sequências, como o clássico Harry Potter, baseado nos livros de J. K. Rowling, que ganhou a estima da juventude com oito sequências (2001 – 2002 – 2004 – 2005 – 2007 – 2009 – 2010 – 2011, respectivamente). Todas essas transformações, e pode-se dizer, evolução das técnicas cinematográficas, formaram a base para o cinema como conhecemos hoje. Porém, o cinema mudo, os filmes de westerns e os antigos não foram deixados na gaveta, esquecidos. Muitos espectadores ainda se lembram e possuem relíquias que podem ser assistidas ao se colocar um feixe de luz contra a película.

Evidentemente que dentro deste processo de transformações do cinema, os Estados Unidos tiveram importante papel, especialmente Hollywood, revelando o porquê da grande influência destes nos filmes do mundo inteiro. Em Hollywood se instalaram as maiores produtoras de cinema, fazendo da cidade uma capital cinematográfica, em paralelo com as mudanças ocorridas na Europa, Hollywood também tomou a frente e desenvolveu equipamentos para a melhoria das produções dos filmes, bem como investiu nas narrativas.

Assim, o que podemos apontar é que “o cinema não apenas registra simplesmente os eventos que passam diante da câmera, como também colocasse numa posição de reproduzi-los na tela através de métodos especiais que lhe são próprios”. (XAVIER, 2008 p. 66) Ou seja, o cinema se utiliza de técnicas para registrar o cotidiano, registrar histórias inventadas ou contadas, permitindo ao espectador se

⁴ Mesa de montagem de filme provida de um ou mais visores com tela, cabeças de leitura de som, pratos ou braços para os carretéis e fitas magnéticas

identificar com o que está refletido na tela, seja em um momento de seu passado, ou um desejo de pertencer àquela história ou local, externalizando sentimentos íntimos de cada pessoa que o assiste.

2.2 - O cinema enquanto instrumento de representatividade

Em seus primórdios o cinema representava apenas a realidade, ou melhor, fragmentos do real, do que se passava na sociedade sem alterações de cenários, instruções a personagens, roteiros, entre outros, as cenas eram gravadas sem a preocupação de transmitir alguma mensagem, ou algo parecido, a maior novidade era a exibição de imagens em movimento, uma evolução das máquinas fotográficas.

Com o passar dos anos e as modificações, o cinema passou a ter uma intencionalidade com as produções de seus filmes, as histórias passaram a seguir roteiros estabelecidos, as empresas passaram a investir em marketing financiando os filmes, os temas das histórias começaram a ser determinados de acordo com o que se passava na sociedade na época, com o intuito de levar o espectador a refletir, ou mesmo se informar sobre os ocorridos⁵.

É neste momento que o cinema começa a ser visto como um forte instrumento de representatividade, pois ao exibir as imagens da juventude, por exemplo, possibilitava que o espectador conhecesse um pouco deste grupo etário, ou ao exibir a história de uma família da classe alta, permitia que espectadores da classe baixa conhecessem como é a vida dos afortunados. Entretanto cabe a pergunta: Será que a representação trazida pelas imagens no cinema corresponde à realidade? Ou são apenas impressões dos cineastas e produtores que escreveram o roteiro pensando no público-alvo? Segundo Xavier (2008, p. 68) “entre o evento natural e a sua aparência na tela há uma diferença bem marcada. É exatamente essa diferença que faz do cinema uma arte”. Mas, para tentar responder a estas perguntas com maior clareza, recorro a alguns pesquisadores que se dedicaram a tentar responder tais questionamentos.

⁵ Aqui não buscaremos discutir sobre quais as intenções de se discutir determinados assuntos, nem a presença de um ponto de vista sobre a história, pois acredito não caber neste trabalho tais discussões.

Para Bazin (apud XAVIER, 2008, p. 123), a polémica quanto ao realismo na arte provém da confusão entre o estético e o psicológico, entre o verdadeiro realismo e o pseudo-realismo que se contenta com a ilusão das formas. Em outras palavras, o mundo real, a realidade, é ambígua, portanto, a vocação ontológica do cinema consistiria na reprodução exata desse real e, portanto, o cineasta deve se esforçar ao máximo para captar essa mesma ambiguidade. Assim o cinema deveria reproduzir o mundo real em sua continuidade física e factual, onde a função essencial do filme é mostrar os eventos representativos da realidade concreta e não deixar que o espectador veja o trabalho do diretor no filme. O objetivo principal do filme seria criar a ilusão que estamos vendo eventos reais que se apresentam a nós como eventos do cotidiano e que, apesar de serem mostrados em fragmentos, nos dão a impressão de continuidade e homogeneidade.

As obras que mais se assemelham às ideias de Bazin são os filmes do gênero documentário, pois trazem a promessa da abordagem fiel à realidade. Porém segundo Gutfreind (2006, p. 9) este aspecto tem se alterado:

A discussão em torno da representação e de seus diferentes caminhos reflexivos, levou-nos a compreender o cinema como fenômeno de percepção social. Hoje, o olhar do pesquisador não se fixa somente na “natureza” do filme e na relação direta que esse entretém com fenômenos específicos, sobretudo com a literatura, mas na apreensão da complexidade do cinema a partir de dois vieses que interagem entre si: um, de valor pragmático, que entende a organização da produção cinematográfica como resultado do meio sociocultural no qual ele se insere, assim como expressão artística autônoma; e outro que compreende o cinema como uma técnica de reprodução cujos desdobramentos e avanços definiram um tipo de experiência constituída através de processos subjetivos.

Do lado oposto a esta concepção, Eisenstein (apud XAVIER, 2008) exclui toda a consideração sobre um suposto 'real', que seria possível de ser capturado pelo filme. Baseado na técnica da montagem, para ele, o real não teria interesse algum fora do sentido que atribuímos a ele, fora da leitura que o diretor faz do real. Assim, o cinema é concebido como uma ferramenta de leitura do real. Como observa Aumont (1995) "o filme não tem como tarefa reproduzir o 'real' sem intervir sobre ele, mas, ao contrário, deve refletir esse real, atribuindo a ele, ao mesmo tempo, um certo juízo ideológico" (p. 79). Desta forma, Eisenstein considera o filme como discurso ideológico, este,

articulado por meio da montagem, teria a tarefa de "influenciar", "modelar" o espectador frente às ideias passadas pelo filme. Como ressalta Codato (2010, p. 50)

Como todos sabemos, qualquer obra cinematográfica vem carregada de ideologia e encontra um espectador que também carrega consigo toda uma história de vida, sua própria maneira de decodificar os sentidos produzidos pela obra; de compreender, assimilar e reproduzir uma ideologia. É justamente na elaboração de um discurso particular possibilitado pela relação da câmera com o sujeito, que podemos identificar os artifícios de uma linguagem própria à sétima arte e, conseqüentemente, toda uma carga ideológica reproduzida por ela.

Em outras palavras, independente de representar fielmente a realidade ou não, o cinema influencia o espectador a entender determinados assuntos da forma como querem que seja pensado, transformando as ideologias da sociedade.

Shohat e Stam em sua obra “Estereótipo, realismo e luta por representação” (2006) discutem que a busca pela representação da verdade, propalada pelos produtores, reflete suas perspectivas particulares sobre as situações/fatos, pois não existem verdades absolutas, mas existem verdades contingentes construídas a partir de visões de mundo de certas comunidades.

A questão, portanto, não é fidelidade a uma verdade ou realidade preexistente, mas a uma orquestração de discursos ideológicos, e perspectivas coletivas. Se num determinado nível um filme se constitui através de uma prática mimética, ele também é discurso, um ato de interlocução contextualizada entre produtores e receptores socialmente situados. (SHOHAT; STAM 2006, p. 265)

Para além dessa representatividade, baseada ou não em ideologias dos produtores, é perceptível que o cinema, da mesma forma que as demais mídias, exercem certa influência nos espectadores. É comum observar indivíduos imitando atrizes e atores, no modo de se comportar, de se vestir, de falar, entre outros aspectos, estabelecendo uma identidade comum, seja com o personagem ou com o profissional (atriz, ator, cantores, apresentadores, entre outros). A partir desta identificação com os personagens dos filmes, ou com a história narrada, o espectador passa a sentir-se representado, ou seja, passa a identificar o filme como a realidade que o cerca. O oposto também é verdadeiro, muitos espectadores alegam que os filmes, ao retratarem certo grupo, pecam ao enfatizar aspectos não relevantes, por exemplo, grupos de adolescentes que se identificam como “emos” não concordam com o estereótipo

estipulado pela mídia, os sentimentais, que choram sem razão, e em sua maioria os integrantes do sexo masculino são homossexuais. Segundo eles, pelo fato de serem sensíveis ao que acontece ao seu redor, são tiradas conclusões precipitadas que acabam gerando estas representações citadas. Ou seja, este grupo de adolescentes não se consideram representados pelo cinema, ou pela mídia em si. Isto considerando que a identidade de um grupo é determinada por suas ideologias, suas crenças e modos de ser, identidade esta, que está sempre em crescente transformação decorrentes das necessidades internas de cada grupo.

Nesta monografia abordaremos a questão do ponto de vista de que um filme está intimamente relacionado à realidade que o rodeia, seja por aquilo que apresenta nas cenas, ou por aquilo que omite. Pois como afirma Ferro “um filme, embasado ou não na realidade, documento ou ficção, intriga ou invenção, é sempre história, pois mesmo não querendo ele é testemunho do seu presente” (1992, p. 16).

2.3 - A especificidade do Cinema brasileiro

Assim como o cinema mundial, o cinema brasileiro passou por diversas transformações seguindo o ritmo dos produtores mundiais. Porém, no Brasil, as produções estrangeiras eram melhor recepcionadas pela população. Isto se justificava com o advento da linguagem sonora, produtores brasileiros não viam como poderiam acompanhar esta novidade e os resultados foram produções de má qualidade, o público frequentemente enunciava não conseguir acompanhar os diálogos, devido a utilização de equipamentos ultrapassados que não captavam o som com qualidade nas gravações e a falta de manutenção nos equipamentos nas salas de exibição. Enquanto que nos filmes estrangeiros o som era desnecessário, pois a atenção dos espectadores estava nas legendas, “portanto mesmo em más condições acústicas, o espectador do filme importado dublado fica apto a seguir o enredo, pois ele não é um espectador que ouve e sim um espectador que lê” (BERNARDET, 2009 p. 19), Bernardet ainda diz:

Não é possível entender qualquer coisa que seja no cinema brasileiro, se não tiver sempre em mente a presença maciça e agressiva, no mercado interno, do

filme estrangeiro, importado quer por empresas brasileiras, quer por subsidiárias de produtores europeus e norte-americanos (2009 p. 21)

Com o iminente fracasso das produções brasileiras nas bilheterias, o Estado intervém estipulando leis que determinam um número de filmes brasileiros a serem exibidos nas salas de cinema. Getúlio Vargas assina o decreto em 1923 prevendo a projeção compulsória de um curta para cada longa exibido, esse decreto foi alterado chegando em 1959 a projeção de um filme nacional para cada oito filmes estrangeiros. Estas medidas asseguraram que os filmes brasileiros chegassem às salas de exibição e fossem prestigiados pela população.

Assim como a maioria dos filmes estrangeiros a produção brasileira estava presa às produtoras, que com o objetivo de obter maior lucro davam preferência a filmes estrangeiros. No Brasil foi criada em 1974, a Embrafilme, empresa estatal que tinha o objetivo de organizar o mercado cinematográfico. Esta empresa foi extinta em 1990. Durante a sua vigência encontramos as produções nacionais de maior sucesso. Após sua extinção, a produção nacional, que era dependente da Embrafilme, entra em colapso, e pouquíssimos longas-metragens nacionais são realizados e exibidos nos anos seguintes. Após a catástrofe do início dos anos 90, o sistema cinematográfico se reergue gradualmente. A criação de novos mecanismos de financiamento da produção por meio de renúncia fiscal (Leis de Incentivo), juntamente com o surgimento de instâncias governamentais de apoio ao cinema, auxilia a reorganizar a produção e proporciona instrumentos para que realizadores possam competir, mesmo de modo desigual, com as produções milionárias norte-americanas. Esse período é conhecido como a “Retomada” do cinema brasileiro.

Anterior a isto, no final da década de 50 e se estende até meados da década de 70, temos a corrente do Cinema Novo que surge como um cinema revolucionário que tem como principal objetivo mostrar o “verdadeiro Brasil” e enunciar as desigualdades presentes na sociedade, ou seja, um instrumento de denuncia social, pretendendo desestabilizar o espectador por meio do choque.

O cinema novo buscou na estética da fome seu modo revolucionário de agredir o público. Suas imagens eram fortes: panorâmicas explorando os rostos de um povo pobre, sofrido, feio; imagens de uma natureza destruída; cenas de animais

e pessoas sendo mortas, cantorias e gritos desesperados, lamentos, sons intermitentes (ROSSINI, 2007, p. 24)

Neste período toda a produção era voltada para subversividade, optavam-se por técnicas não convencionais, demonstrando um real interesse em quebrar a corrente do cinema como uma arte fechada em si mesma. Em paralelo a estas manifestações, também encontramos produções que seguiam a tradição cinematográfica, filmes históricos, romances, comédias, entre outros.

Desde então, o cinema brasileiro passou a investir nesta estética e acabou por fazer desta uma marca de sua identidade. Ainda hoje encontramos fortes traços desta estética nas produções brasileiras, chegando alguns espectadores a considerar que filmes produzidos na estética hollywoodiana não são filmes brasileiros. É comum ouvir brasileiros enunciarem que preferem assistir filmes estrangeiros a filmes brasileiros, e desta vez a linguagem sonora não é a principal reclamação. Esta estética perpetuada pelo Cinema Novo, e também pelo Cinema Marginal, reflete um lado da nação que a população não gostaria que fosse mostrada, pois dá maior ênfase as mazelas da sociedade, e muitas vezes não revela o porquê de tal situação ocorrer no país. Segundo Rossini (2007, p. 23):

[...] o cinema brasileiro, nos últimos cinquenta anos, traçou diferentes panoramas sobre a exclusão social no País, que passaram a marcar nosso imaginário cultural sobre quem somos e como é o Brasil. Atenho-me agora a outra constatação: esses discursos estão calcados numa mistura de violência narrativa e estética, e por isso proponho como hipótese que nosso cinema tem privilegiado o sujo, o feio, o abjeto, o escatológico em sua estética cinematográfica, criando com isso uma constância no modo de representar a Nação [...]

Cabe ressaltar que inicialmente os filmes do cinema novo retratavam a população do norte e nordeste brasileiro, passando a falsa impressão de que a problemática no Brasil se encontrava ao Norte. Com a queda nas bilheterias este estilo de produção foi perdendo suas forças, mas não deixou de ser produzido. A partir dos anos 2000, o cinema novo retorna com maior ênfase e encontramos produções que evidenciam as situações alarmantes em regiões do centro-oeste e sul, mostrando as favelas, a corrupção nas regiões ditas desenvolvidas do país.

Os filmes produzidos, especialmente após 2001 tornaram-se ainda mais violentos, tanto em suas narrativas quanto em suas estéticas visuais e sonoras

(pois mais do que antes o som também se tornou um forte elemento provocador dessa sensação de desconforto). (ROSSINI, 2007 p. 25)

E ainda ressalta:

Desde 2001, é possível perceber um retorno mais incisivo de alguns discursos sobre o Brasil, ancorados numa forma transgressora de mostrar a exclusão social: filmes que privilegiam o feio, o abjeto, o violento, tanto narrativo quanto audiovisual. Embora nenhum manifesto tenha sido escrito, ou algum movimento se assumido enquanto tal, é possível ver que aquela antiestética dos anos 60 ganha novos contornos no cinema contemporâneo (ROSSINI, 2007, p. 26)

Mesmo com toda esta estética subversiva, o Brasil também vem produzindo filmes dentro de uma estética tradicional, seguindo os padrões convencionais de se fazer e transmitir filmes. Tais obras, geralmente, apresentam certa influência dos filmes hollywoodianos, seja pela maneira de narrar a história, ou pela maneira de produzir a obra. Isto não é surpresa, já que Hollywood se configurou como a maior produtora. Para alguns produtores, seguir os passos de Hollywood significa sucesso na certa. E de fato isto vem acontecendo, tais filmes brasileiros têm chegado às salas de cinema, e ganhado o público.

Cabe ressaltar que este fato, de chegar as salas de cinema é de fundamental importância para obter o “sucesso”. No Brasil a maior parte das produções não consegue chegar aos cinemas, devido a inúmeros fatores, mais o principal deles é a falta de investimento. Para entrar neste universo é necessário passar pelas empresas que dominam as salas de cinema no Brasil, em sua maioria estrangeiras, como a Cinemark, a UCI, entre outras, e para conseguir a aprovação destas é necessário apresentar argumentos que justifiquem a aceitação do público, baseados em estatísticas. Assim, a maior parte da produção brasileira acaba se restringindo a serem divulgadas por meios digitais como o YouTube, que muitas vezes não atinge grande parte da população, que não tem acesso a internet. Outro fato relevante se refere ao Brasil ser um país de grandes extensões, isto influencia na aceitação e popularidade dos filmes, daí a necessidade de se desenvolverem filmes com certa diversidade técnica e conceitual.

A diversidade estética do cinema brasileiro acompanha a diversidade regional do país, possibilitando a existência de um cinema múltiplo. Dessa forma, o tema, o modo de fazer e de ver os filmes feitos no extremo sul do país, retratam, frequentemente,

através do cenário, da linguagem e dos personagens, a especificidade do gaúcho, não encontrando equivalentes em outras regiões; isso explicaria, entre outros aspectos, o fato de que os filmes gaúchos alcancem um público muito mais representativo na sua região de que em outras do país, assim como o fato de que filmes, principalmente aqueles com outra temática regionalista, encontrem resistência do público no Rio Grande do Sul. Assim, o filme propõe a cada indivíduo a vivência de uma experiência particular, com uma reação demarcada pela sua situação histórica e cultural. Em outras palavras, a diversidade cultural no Brasil, ao invés de ser vista como uma característica importante de ser retratada, no cinema, aparece como um empecilho ao chamado sucesso cinematográfico, impedindo que se possam chegar as grandes salas de cinema.

Apesar das grandes dificuldades encontradas para a difusão do cinema brasileiro, dentro e fora do país, é possível perceber que durante estes anos foi se estabelecendo uma cultura cinematográfica, em que podemos observar que algumas imagens, algumas narrativas e, também, alguns temas se repetem nas telas, isto é, são frequentemente debatidos. Retomando a discussão sobre a representatividade do cinema, esta cultura cinematográfica brasileira não apenas permite uma representação da sociedade, como também influencia na construção da identidade da nação.

Imagens que ao se repetirem, criam, como disse, um laço de entendimento com o público receptor, mas que também passam a marcar nossa identidade enquanto nação, pois ajudam a construir visões que atuam, tanto interna quanto externamente, sobre quem somos. E se esses discursos identitários, produzidos a partir de discursos cinematográficos, tornaram-se um senso comum, é preciso que eles sejam questionados, problematizados, pois, como já diria Roland Barthes (1989), atrás da doxa, do senso comum, há sempre significados que precisam ser postos em circulação novamente, que precisam ser desestabilizados, a fim de que novos significados fluam (ROSSINI, 2007 p. 28)

Em outras palavras, o cinema tem construindo um imaginário do que é o Brasil e o que é ser brasileiro, que vem sendo absorvido pelo senso comum, e que deve ser problematizado, pois como já dizia anteriormente, o que se passa na tela é um ponto de vista sobre o real, e não a realidade concreta.

3. JUVENTUDES: UM CONCEITO ESTÁVEL?

3.1 Juventude ou Juventudes

Definir juventude de forma simples significa dizer que se trata de uma etapa da vida entre a infância e a vida adulta. Geralmente esse período é compreendido entre dos 15 aos 24 anos, segundo a ONU. Várias outras formas de definição podem ser citadas, como o conceito de geração (X, Y, Z), porém tais concepções são generalizantes, não conseguem abranger toda a discussão necessária quando se discute a cerca de juventudes. Segundo Dayrell e Carrano (2014, p. 110)

Podemos afirmar que a juventude é uma categoria socialmente produzida. Temos que levar em conta que as representações sobre a juventude, os sentidos que se atribuem a essa fase da vida, a posição social dos jovens e o tratamento que lhes é dado pela sociedade ganham contornos particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos.

. Esta busca por definições fixas podem ser encontradas em clássicos da filosofia, como Rousseau, que definiu, em seu livro Emilio (2004), como um segundo nascimento, o estágio da existência que se revela o senso social, a emotividade e a consciência. Para Kant (1996) os anos da juventude são os mais penosos, pois se está submetido à disciplina, mas raramente se goza de liberdade, embora as pessoas insistam em dizer que é a época mais feliz da vida.

Outros autores buscaram definir o termo, considerando ser o tempo da vida em que se começa a estabelecer sua identidade, ou tomada de consciência da necessidade de independência da família, bem como a entrada ao mundo do trabalho. Um período da vida em que é necessário estabelecer um equilíbrio entre a vida familiar e a vida social, com formas peculiares de se comportar, vestir, viver, fase em que se concentram, com maior força, todas as projeções, expectativas e sonhos da vida futura. É necessário, entretanto, se estabelecer um referencial de juventude, como categoria socialmente construída com especificidades.

A referência ao jovem, precisa levar em consideração a heterogênea realidade das sociedades complexas. A ambiguidade e a identificação sobre o conceito de jovem é uma das características dessa situação de complexidade. As

estatísticas oficiais convencionalmente consideram como jovens os que superaram a idade de obrigação escolar e os que ainda não conseguiram encontrar colocação garantida no mercado de trabalho (CARRANO 1999, p. 127)

Tal referencial, muitas vezes, acaba sendo influenciado pelo senso comum, revelando uma concepção de juventude que considera os jovens como preguiçosos, àqueles que não querem “nada com nada”, que não possuem perspectiva de futuro, entre outras alegações, para além da ênfase dada nas situações de envolvimento com drogas, violência, entre outros. Entretanto, é possível afirmar que estas características são elencadas por não se conhecer os jovens, é realizado um pré-julgamento em que não se refletem quanto as diferenças, considerando todos como “farinha do mesmo saco”.

Ademais disso revela-se a necessidade do desenvolvimento de uma noção de juventude, Segundo Carrano (1999, p. 123):

A noção de juventude é resultante da experiência social de determinado tempo histórico. A experiência social contemporânea fez da identidade juvenil algo profundamente associado ao hedonismo e ao sentido lúdico das práticas de lazer, seja na forma de consumo individual do tempo livre ou ainda nas práticas em que o sentimento de pertencimento a um grupo dá a tônica dos relacionamentos.

É este pertencimento ao grupo que configura a juventude como uma categoria que se desdobra, que não pode ser considerada homogênea. Embora muito da noção de juventude da nossa sociedade apele para as críticas ao modo de ser jovem, a nossa experiência social nos revela que há uma diversidade na cultura juvenil que desqualifica a afirmação “são todos farinha do mesmo saco”.

Ao definirmos o grande grupo que se denominam jovens, podemos aprofundar as análises deste grupo. Segundo Abramo (apud RIBEIRO & NEDER, 2009 p.478) não podemos falar em juventude e sim em Juventudes, pois a população jovem se divide em grupos que experimentam diferentes modos de ser e viver, “[...] a juventude vai se constituir de acordo com a realidade sócio-histórica vivenciada pelo sujeito. Isso quer dizer que diferentes sociedades e diferentes grupos sociais constroem suas juventudes de maneira singular” (MELO, SOUZA, DAYRELL, 2012, p. 164). Assim, não podemos rotular e enquadrar todos os jovens em uma mesma definição. Dayrell (apud Melo 2012, p. 164) critica os rótulos que a juventude recebe por entender que esse sujeito, naquele

momento de sua vida, não é um protótipo de adulto, isto é, não tem de ser compreendido como um suposto “vir a ser”, pois isso nega o momento presente.

Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. (DAYRELL, 2007, p.1108)

De acordo com Bourdieu (1983), não se deve incidir no erro de falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma faixa etária. Não existe uma juventude, mas multiplicidade delas, tantas quantas são as tribos⁶ existentes. Existem juventudes organizadas por adultos, como por exemplo aquelas constituídas no âmbito de clubes, partidos políticos, igrejas e sindicatos. De outro lado, existem grupos de jovens que se formam espontaneamente pela identificação com alguma atividade desportiva, cultural, acadêmica ou científica. Existem outros ainda que se identificam pela hostilidade às doutrinas e às fórmulas que se voltam para as promessas de um futuro melhor. (BARRIENTOS-PARRA, 2004 p 132).

Enfim, para uma melhor compreensão desta categoria tão rica quanto heterogênea devemos levar em consideração aspectos sociológicos, psicológicos, estatísticos, jurídicos, filosóficos e antropológicos. Isto porque, a juventude deve ser vista a partir de diversos fatores sociais, de raça, gênero, que provocam mudanças na forma do jovem ser e estar no mundo.

3.2 As Juventudes brasileiras

Quanto à especificidade dos jovens brasileiros, cerca de 20,13% da população do país é jovem (IBGE, 2002), este dado revela o aumento da população jovem, comparando com anos anteriores, devido a acentuada queda da taxa de mortalidade na

⁶ As tribos, também chamadas de subculturas o são constituídas de microgrupos que têm como objetivo principal estabelecer redes de amigos com base em interesses comuns. Essas agregações apresentam uma conformidade de pensamentos, hábitos e maneiras de se vestir.

infância. Segundo Sposito (2003, p 11), em pesquisa sobre a juventude brasileira, a população jovem passou de 8,3 milhões em 1940 para cerca de 34,1 milhões em 2000. Esta juventude não pode ser considerada homogênea, visto que o Brasil é um país de contrastes e desigualdades que se sobrepõem.

Com isto é possível presenciar diversas maneiras de viver a juventude, a partir de grupos, como os skatistas, os roqueiros, os funkeiros, os surfistas, entre outros. Cada grupo é definido a partir das suas experiências pessoais e da interação com o espaço e com o outro, por exemplo, os grupos de surfistas serão encontrados nas regiões litorâneas, pois o espaço (meio) permite que a prática do esporte seja realizada. Para Dayrell “[...] a juventude pode ser vista como uma ponta de iceberg, no qual os diferentes modos de ser jovem expressam mutações significativas nas formas como a sociedade “produz” os indivíduos”. (2007, p. 1114). Em outras palavras, a sociedade forma indivíduos de forma diferente, no Brasil, essas diferenças se tornam significativas devido à extensão territorial do país.

Buscando elaborar um quadro para descrever a juventude brasileira, a fundação Perseu Abramo, desenvolveu uma pesquisa nacional coletando dados dos jovens. Como resultado obteve-se o livro “Retratos da Juventude Brasileira” (2005) que elenca os dados obtidos na pesquisa. Um dos pontos levantados se refere a semelhanças na população jovem, sendo indiferente a região, como por exemplo, a expectativa dos jovens sobre seus futuros apresenta certa isonomia, de norte a sul eles declaram que a vida pessoal vai melhorar juntamente com a afirmação de que “ser jovem significa conviver com riscos”. (LASSANCE, 2005 p. 81). Certamente viver significa correr risco, sendo jovem, adulto ou criança. Mas esta afirmação revela e justifica o desejo dos jovens em se lançarem de braços abertos nas atividades que se propõe a realizar. Entretanto, as diferenças são mais acentuadas, quando observamos as diversas formas de se viver essa etapa da vida, dependendo da região. Segundo Dayrell (2003, p. 42) considerarmos essa diversidade é preciso:

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade [...] considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito

menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta.

A construção dessa noção de juventude, especialmente no Brasil, um país de grandes extensões e com isso uma diversidade significativa, necessita ser pensada e trabalhada pela população com o intuito de se pensar na diversidade como uma riqueza da nossa sociedade, minimizando as generalizações. Esta diversidade de tribos gerou a curiosidade de muitos pesquisadores que se debruçaram sobre esta temática nos últimos anos. Tais estudos revelam desde as características sociais (renda, educação, entre outras) até características subjetivas (desejos, aflições, sonhos, entre outros), compondo um panorama da identidade juvenil brasileira. Em suma estas pesquisas apresentam um levantamento das tribos que existem e chegam a conclusão de que não há uma identidade única para a juventude brasileira, embora existam questões em que se assemelham.

3.3 Juventudes e a Instituição Escolar

Ao falar na “relação entre juventude e escola” fazemos referência aos múltiplos aspectos envolvidos na interação entre os jovens e a instituição escolar, quase sempre limitada à educação básica. Denominar o indivíduo da ação educativa, ou seja, o aluno, como jovem sugere o reconhecimento de que este, ao entrar na escola, traz consigo uma diversidade sociocultural, com suas demandas e necessidades específicas, mas também na origem social e cultural, no gênero, no pertencimento étnico-racial e nas experiências vividas, dentre outras variáveis, que interferem direta ou indiretamente nos modos como os jovens vão lidar com a sua escolarização e construir sua trajetória escolar.

A juventude se constitui como um momento delicado de escolhas, de definições, no qual o jovem tende a se defrontar com perguntas como: “pra onde eu vou?”, “Qual rumo devo dar á minha vida?”, questões estas cruciais para o jovem e diante das quais a escola teria de contribuir de alguma forma, no mínimo na sua problematização. (LEÃO, DAYRELL, REIS 2011, p. 257)

Estas questões que rodeiam os seus pensamentos, remetem a formação da identidade, a escola possui grande influência na formação desta, principalmente na juventude, em que a identidade é a uma das maiores preocupações. Nesta fase, a escola possui um papel fundamental, pois é ela a instituição que dará subsídios para que o jovem possa se constituir e se reconhecer como indivíduo de direitos e deveres. Em outras palavras, A escola tornou-se um espaço de “intensificação e abertura das interações com o outro e, portanto, caminho privilegiado para a ampliação da experiência de vida dos jovens” (SPOSITO *apud* TOMAZETTI, 2011 p. 81), experiências estas que fornecem a base para as respostas sobre seus futuros. Por outro lado, a escola enquanto instituição de ensino, não oferece conhecimentos necessários para os jovens, pois [...] dar sentido à escolarização tem sido uma tarefa difícil tanto para jovens como para professores (TOMAZETTI, 2011, p. 85)

Essa falta de sentido se revela porque a escola esta distante dos interesses dos jovens, ela foi reduzida a um cotidiano enfadonho, os professores pouco acrescentam a formação, pois a falta de valorização da profissão torna o trabalho pouco recompensador e com todas as dificuldades do dia-a-dia em sala, muitos professores vêm desistindo da docência. Em suma, a instituição escolar acaba tornando-se mais uma obrigação para os jovens do que uma maneira de adquirir conhecimentos científicos.

A forma como o jovem é compreendido como aluno também influencia nesta perda de sentido. O jovem vivencia uma tensão na forma como se constrói como aluno, nesse processo se revelam fatores externos (o seu lugar social, a realidade familiar, o espaço onde vive, etc.) e internos à escola (a infra-estrutura, o projeto político-pedagógico, etc). No cotidiano escolar, essa tensão se manifesta na sua ambiguidade, isto é, de ser jovem e ao mesmo tempo ser aluno. Uma dupla condição que é difícil de ser articulada e que se solidifica em práticas e valores que caracterizam o seu percurso escolar e os sentidos atribuídos a essa experiência. Essa tensão, manifestada nas mais diferentes dimensões do cotidiano escolar, consolida-se nos mais diversos percursos escolares, marcados pela participação, passividade, resistência, conformismo, interesse ou desinteresse, é a expressão mais clara da forma como cada um elabora a tensão entre o ser jovem e o ser aluno. (DAYRELL; REIS, 2007 p. 10)

Porém, estes aspectos não são suficientes para compreender a relação estabelecida, compreendê-la não é tarefa fácil, pois ela não se explica por si mesma, segundo Dayrell (2007, p. 1106):

[...] o problema não se reduz nem apenas aos jovens, nem apenas à escola, como as análises lineares tendem a conceber. Tenho como hipótese que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços.

Dentre as mutações na sociedade podemos destacar o aumento do número de jovens oriundos das classes populares chegando ao ensino médio. Mas, “esta escola não foi feita para eles”, conseqüentemente a relação destes jovens com a instituição escolar se dá de forma tensa. Em suma, a exclusão que ocorria fora dos muros da escola, passou a ocorrer no lado de dentro. Com a ênfase dada à disciplina, suas regras – muitas vezes mal explicadas –, a escola passa a reprimir o jovem, tentando moldá-lo aos seus ideais de comportamento. Tal situação gera uma aversão por parte do jovem, pois considera que a escola está buscando transformá-lo em algo que ele não é.

Por outro lado, a escola tem ocupado um lugar privilegiado na vida dos jovens, seja pelo fato de ser obrigatória, seja pela oportunidade de proporcionar um futuro melhor. A formação científica, ou profissional, não ficou apenas como preocupação dos jovens, a possibilidade de melhorar o futuro através do ensino, é uma aposta da sociedade e dos governos, que buscaram formular cursos profissionalizantes integrados ao ensino médio, preparando-os para a vida adulta, com suas responsabilidades e obrigações.

Autores como Leão, Dayrell e Reis (2011) buscaram compreender como se dá esta relação entre o jovem e a escola, a partir de pesquisas com os estudantes. Como resultado obteve-se que os principais obstáculos para se frequentar a escola correspondem a infraestrutura, aos materiais de ensino e ao trabalho dos professores, estes curiosamente aparecem como ponto negativo e positivo ao mesmo tempo, juntamente com a convivência e socialização com outros estudantes. Isso acontece porque alguns conseguem tornar suas aulas mais atrativas aos estudantes, enquanto

outros possuem mais dificuldades em relacionar o conteúdo aos interesses dos jovens, sendo a principal razão o desconhecimento de quem são os seus alunos.

No que concerne à socialização, este processo, desempenhado também pela escola, mas não só por ela, permite que os jovens constituam grupos dentro da instituição escolar, a turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem as atividades, "trocam ideias", buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto. (DAYRELL; REIS, 2007 p. 6).

A partir disto podemos perceber que a juventude e a escola precisam entrar em um acordo, buscando melhorar o convívio e tornar o ensino mais atrativo, relacionando-o às situações cotidianas e as expectativas dos jovens. Assim, o processo desenvolvido dentro da instituição, seja ele educativo ou de socialização, promoverá a permanência do jovem e, este aproveitará o ensino melhorando o seu futuro.

4. A REPRESENTAÇÃO DA JUVENTUDE DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO NO CINEMA BRASILEIRO.

A partir dos anos 2000, o cinema brasileiro passou a investir em filmes que retratam a juventude em sua heterogeneidade, ou seja, retratando as mais diversas origens sociais, raça, etnia, gênero, sexualidade, território, entre outros. Em se tratando da juventude escolarizada, isto é, a que frequenta instituições escolares, o número de produções diminuiu consideravelmente, embora em sua maioria, não deixem de lado de evidenciar que os personagens passam ou já passaram pela escola.

Para esta análise foi escolhida a obra cinematográfica “Pro Dia Nascer Feliz” de João Jardim⁷ (2006), pois é considerada por muitos críticos como a representação fiel do ensino médio brasileiro. Esta obra busca através da perspectiva do jovem, mostrar como é a educação brasileira. Assim, realiza o acompanhamento e entrevistas com jovens de escola pública dos estados de Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro e também evidenciam alguns estudantes de escolas privadas,

4.1 – O filme “Pro Dia Nascer Feliz”

Pro Dia Nascer Feliz é um documentário dirigido por João Jardim (2006) com duração de 88 minutos que evidencia a realidade da educação brasileira. Essa obra traz uma visão ampla sobre dois tipos de escola, nas quais existem vários perfis de alunos. Foram analisadas no documentário, escolas da periferia de São Paulo, Rio de

⁷ Cineasta e Jornalista Carioca, estudou cinema na Universidade de Nova York e começou como assistente de direção. Trabalhou com Paul Mazursky em *Luar sobre Parador* (1988), com Murilo Salles em *Faca de dois gumes* (1989) e com Carlos Diegues em *Dias melhores virão* (1989). Montou programas musicais para televisão, produzidos pela Conspiração Filmes, entre os quais *Tudo ao mesmo tempo agora* (1991), com os Titãs, *Mais* (1991), com a cantora Marisa Monte, e *Caetano 50 anos* (1992), com Caetano Veloso. Na Rede Globo integrou o núcleo de produção dirigido por Carlos Manga e editou e dirigiu minisséries, entre elas *Engraçadinha*.

Janeiro e Pernambuco e outros dois colégios particulares de São Paulo. Realidades que se configuram a partir da situação econômica dos estudantes.

O documentário foi gravado nos anos de 2004 e 2005. Em um primeiro momento, realizando as entrevistas com o intuito de identificar a opinião dos jovens sobre a educação que estavam inseridos, e um ano após para acompanhar o que aconteceu na vida daqueles estudantes.

Esta produção cinematográfica é tida como o principal documentário sobre a educação brasileira, pois questiona aspectos que interferem no processo de ensino aprendizagem, por exemplo, a questão da infraestrutura é fortemente colocada, evidenciando que a falta de banheiros, instalações adequadas, transporte escolar, são questões que devem ser pensadas para que a educação brasileira evolua. Da mesma forma a formação docente é posta como precária, pois a formação inicial não dá conta de formar profissionais para atuarem com a realidade escolar na periferia, o que ocasiona as várias faltas, e até mesmo, afastamentos médicos. Jardim busca evidenciar que estas questões interferem na aprendizagem dos estudantes, mostrando depoimentos de alunos que não tem um bom desenvolvimento educacional, mas, por outro lado, também da visibilidade àqueles estudantes que possuem um alto desempenho, mas que são desacreditados pelo sistema educacional e os seus sujeitos.

A situação da educação brasileira é colocada, mas não há a tentativa de evidenciar os culpados, o diretor apenas coloca a mostra os problemas por quais a escola brasileira e a juventude passam dia-a-dia, sem apontar culpados ou possíveis soluções. Assim Jardim, procura apenas mostrar o seu objeto de estudo, sem interagir com ele, assume o papel de observador.

Tal prática é geralmente utilizada na produção de documentários, a promessa da reprodução fiel do objeto de estudo, sem interferências. Porém, sendo produzida por pessoas há sempre uma ideologia presente, se escolhe uma cena e não outra, esta ou aquela fala, por motivos específicos que refletem, direta ou indiretamente, a opinião do diretor.

4.2 – A Escola representada: suas mais diversas faces

A escola retratada no documentário de Jardim (2006) é a mesma escola que encontramos em outras mídias, revelando o descaso do governo com questões básicas para funcionamento da instituição, como saneamento, energia elétrica, entre outras. Para além de mostrar as questões eminentemente pedagógicas como o excesso de alunos em uma mesma turma ou a falta de professores, fatores estes que prejudicam a aprendizagem.

A primeira escola que aparece no documentário pertence ao município de Manari, com condições precárias de funcionamento, a direção tenta, na forma que consegue manter a escola. Banheiros com teto quebrado, sem água, e o relato do diretor sobre a verba que recebe e os gastos evidencia o motivo das péssimas condições, a verba que chega já tem seu destino certo, mesmo que não se saiba qual é.

[...] ai vem 1200 reais. Se fosse por mês já era bom demais. 200 reais já é separado, é do INSS, agora apareceu outro INSS, não sei de quê, é mais 11%, já vai mais 110 reais. 50 reais é da prefeitura, e ela nem pode perdoar. Nós temos que pagar o contador. Ai no final a gente vai ficar com 600 e poucos reais. (Diretor da escola 05'05")⁸

Em seguida passa-se uma cena de sala de aula, onde a professora explica sobre Frei Caneca, um revolucionário que lutava por condições melhores para a população e acaba sendo condenado a morte. Nesta cena é perceptível às péssimas condições da sala, o quadro despedaçado, as carteiras dos estudantes apertadas, porém o rosto dos alunos mostra interesse no assunto. O fato de Manari ser um dos municípios mais pobres do Brasil reflete o interesse dos estudantes em saber da história de alguém que

⁸ A referência das falas dos participantes do documentário será realizada indicando o nome da pessoa (quando indicado), ou a identificação dela fornecida no filme, e o tempo em que a fala aparece na obra cinematográfica.

lutava contra a miséria da região, porém o fim de Frei Caneca pode ser um desencorajamento.



Figura 01 – Fotograma do filme *Pro dia nascer feliz* (2006) 06'06" – Professora ministra aula de história abordando Frei Caneca. Os planos apresentam a sala de aula em vários ângulos oferecendo um panorama geral da sala.

Sendo o município muito pequeno, não havia instituições de ensino médio na região, os cerca de 300 estudantes tinham de se locomover até o município vizinho, Inajá, para prosseguirem os estudos. Este aspecto evidencia que os jovens que frequentavam o ensino médio, deveriam ter uma grande força de vontade para se locomover por 31 km, e continuar os seus estudos, demonstrando o valor da educação para eles. Na escola de ensino médio, as condições são um pouco melhores, porém a quantidades de alunos na sala continua sendo grande, tornando o espaço pequeno.

No que se refere ao ensino, à fala de uma estudante revela a falta de organização pedagógica da instituição.

Tem um professor de química, que nunca vai na nossa sala, só manda substituta. Então eles acham que a gente já não sofre daqui pra lá, e quando chega lá à gente não tem lucro nenhum. (Mariana, 14'42")

Foi o que aconteceu no ano passado com a professora de sociologia, até os desistentes tinham a mesma nota que a gente que assistia a aula dela todos os dias. Como ela não ia pra sala, ela não sabia distinguir quem estava estudando, quem não estava, quem já tinha ido embora, quem já tinha fugido. Todo mundo era a mesma nota, digamos, a média era 8,0 todo mundo ia com 8,0. (Viviane, 14'56")

A falta de interesse dos professores é justificada pelo desinteresse dos estudantes. Na perspectiva dos professores, as alunas enxergam a escola como um escape da família, não frequentam as aulas, se vestem como se estivesse indo para um baile e ficam namorando nos corredores. Tais atitudes tem como consequência a falta de estímulo do professor, pois “ninguém” quer aprender, então não há motivos para continuar estudando. Na verdade o que vemos no documentário é a divergência de interesses entre os estudantes, alguns jovens não encontram sentido na instituição escolar e acabam a frequentando por outros motivos como a socialização.



Figura 02 – Fotograma do filme Pro dia nascer feliz (2006) 15'35" – Alunas do período noturno em frente a escola. Enquanto a cena era apresentada a voz de uma professora discorria sobre as vestimentas das alunas, alegando ser um desfile de moda.

Entretanto, outros jovens como Valeria, uma das estudantes entrevistadas, procuram a instituição com o intuito de concluírem e prosseguirem seus estudos, no

caso desta, seguir a carreira do magistério. O que a instituição escolar faz, ao se debater com toda essa heterogeneidade juvenil, é considerar todos como iguais, permanecendo com a concepção tradicional de educação, num comodismo que não procura enxergar as mudanças e encontrar um meio de tornar o ensino atraente para todos, com suas mais diversas expectativas.

Passando para o município de Duque de Caxias, as cenas mostram a região e informado que a boca de fumo fica próxima à escola. Já no início, mesmo que sublinaramente tem-se a ideia de que uma das dificuldades da instituição será relacionada ao consumo de drogas. A instituição aparece com vários estudantes no pátio, e a inspetora pedindo que uma turma fosse embora, pois não haveria aula. Vê-se nesta instituição a mesma problemática com relação à falta dos professores. Após, cenas de salas vazias e salas lotadas, e uma discussão entre professora e aluno, observamos alguns estudantes conversam, outros dão risadas e outros cochilam na carteira. Mesmo sendo uma turma do ensino fundamental (8ª série) é possível perceber que os estudantes não estão na faixa etária adequada, são jovens e adultos buscando a conclusão dos estudos.

Nesta instituição o principal aspecto a ser considerado é o conselho de classe. Espaço onde se discute sobre o desempenho dos estudantes, comentam sobre a turma e buscam, juntos, encaminhamentos possíveis para a melhora das dificuldades de aprendizado. Porém, o Conselho, nas escolas, tem assumido o papel da discussão dos alunos “problemas”, daqueles que apresentam as notas insuficientes e que apresentam um comportamento inadequado.



Figura 03 – Fotograma do filme Pro dia nascer feliz (2006) 26'19" – Professores reunidos em conselho de classe, principal assunto se referia a aprovação ou reprovação do estudante Deivison Douglas.

No documentário, a atenção se volta para o aluno Deivison Douglas, que divide as opiniões dos docentes. Embora não tenha atingido a média necessária para a aprovação em três matérias, alguns professores defendem a aprovação com o receio de que o aluno tenha uma piora nos aspectos comportamentais, os quais apresentou melhora durante o ano. Por outro lado, outra professora defende, que premia-lo pela melhora de atitude colocando-o no ensino médio não será uma ajuda, pois como será o desempenho dele neste novo nível da educação? A preocupação com os conhecimentos adquiridos em cada série ganha ênfase na fala da professora, porém ela é vencida pelos demais professores a aprová-lo, sem dependências⁹, pois considera esta prática inviável.

Do conselho de classe que assistimos no documentário, podemos observar nitidamente a busca por soluções dos alunos ditos problemáticos, de um lado professores defendendo a aprovação, pois enxergam que o aprendizado também pode ser visto a partir das atitudes do aluno, o fato de frequentar mais as aulas, participar das atividades, não portar armas de fogo, são aspectos considerados positivos e que demonstram a maturidade do aluno, e de outro lado, professores que acreditam no currículo e nas avaliações formais como a principal fonte de informações sobre o aluno,

⁹ Dependência significa a progressão parcial do aluno, ou seja, será aprovado, cursará as disciplinas do ano seguinte, porém, se compromete a cursar a ou as disciplinas do ano anterior que ficou retido.

se ele não dá conta do conteúdo suficientemente para tirar à média, deve ficar retido ou cumprindo dependência no ano seguinte.

O aluno Deivison foi aprovado pelo conselho e na entrevista informou que já sabia que seria aprovado, por que não havia ficado em muitas disciplinas. E quando questionado sobre ser bom o ruim, ser aprovado sem ter aprendido os conteúdos ele diz ser bom, pois aprendeu algumas coisas, mas não consegue enunciar nenhuma. O que cabe a pergunta: O que esta sendo ensinado na escola? Estes conteúdos estão fazendo sentido para os jovens?

Em seguida é mostrado que Deivison faz parte do *Núcleo De Cultura Da Escola* que tem o acompanhado, o inserido em atividades culturais que tem auxiliado na sua melhora de comportamento citados pelas professoras no conselho de classe.

Tenho maior medo de sair da banda, entendeu, é bom pra caraça as atividades que a gente faz. A gente vai nos colégio aí, as garotas ficam doidas, querendo agarra. Se eu não estivesse na banda, não ia fazer nada, ia ficar em casa dormindo até da a hora de fazer alguma coisa, mais tarde sair, ou então estaria na rua (Divison 31'10").



Figura 04 – Fotograma do filme Pro dia nascer feliz (2006) 31'39" – Deivison se dirige ao ensaio da banda da escola, nesta cena se dá destaque para o ritmo constante da música.

Considerando que a instituição fica próxima a uma boca de fumo, e o próprio estudante ter mencionado na entrevista já ter sido usuário, fica subentendido que as

atividades e oficinas promovidas pelo *Núcleo De Cultura Da Escola* dão subsídios para que os envolvidos não caiam no tráfico de drogas. Desta forma a instituição escolar, ao oferecer espaço para que estas atividades aconteçam e estimulando que os alunos participem, passa a se configurar não só como ambiente de ensino-aprendizagem escolar, mas como um espaço de fuga do futuro que se espera para os jovens que vivem em regiões de tráfico.

A última escola a ser mostrada pertence ao município de Itaquaquecetuba em São Paulo. Primeiramente mostrando a região de uma visão aérea, uma professora informa que a escola fica na periferia da periferia, e que os alunos não costumam realizar atividades culturais, como cinema e teatro, por não possuírem dinheiro. Os alunos são filmados entrando na escola, a sala de aula, parece ser pequena para a quantidade de alunos. A diretora começa dar seu depoimento enquanto são mostradas imagens da escola

Eles admiram a escola, acham ela muito bonita. É uma tração do bairro, eles acham, tem uma fonte lá com os peixes, e a comunidade vai olhar, leva os filhos para ver, então a gente percebe que eles gostam muito.



Figura 05 – Fotogramas do filme Pro dia nascer feliz (2006) 37' – Cenas mostrando a infraestrutura da escola. (a) espaço de convivência para a comunidade; (b) refeitório dos estudantes com plantas; (c) fonte com peixes cuidados pelos estudantes; (d) estudantes lendo jornais que ficam disponíveis no pátio da escola

As imagens confirmam a fala da diretora, um ambiente acolhedor, bem cuidado, com áreas de descanso bem organizadas, mostrando que a escola possui uma infraestrutura adequada, e uma participação ativa da comunidade. A escola possui um desempenho alto dos estudantes nas avaliações externas, e muitos que já encerraram o ensino médio estão cursando faculdades pelo ProUNI¹⁰. Entretanto, a instituição passa por dificuldades semelhantes às demais escolas no que se refere à frequência dos docentes, que por diversos motivos acabam se ausentando das aulas. Como alternativa há um quadro de professores, chamados “eventuais” que vão as escolas para cobrir as eventuais faltas dos professores. Não é claro se está prática é uma organização da secretária de Estado, ou uma organização interna da escola, mas é relatado que sempre há faltas, e uma professora menciona o motivo de suas faltas.

¹⁰ Programa do Ministério da Educação que concede bolsas de estudo integrais e parciais de 50% em instituições privadas de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior.

Eu falto por cansaço, eu acho que ser professora e estar envolvida mesmo com a profissão, com eles, com os alunos e tal. É uma carga física e mental muito grande, é mais do que o ser humano pode suportar, por que é muito psicológico [...] você se envolve com os problemas deles e nem sempre você tem o retorno. As vezes, você entra na sala de aula e é mal recebido, por que o professor ainda é visto pela maioria dos alunos como o inimigo. Ainda existe um abismo muito grande entre professor e aluno, professor e diretor. A impressão que eu tenho é que ninguém se entende. (Profª Celsa, 39'24'')

A professora que concede esse relato desenvolve uma oficina de *Fanzine* com os estudantes, onde através das publicações que os estudantes escrevem ela passa a conhecer seus medos, angustias, desejos, ou seja, através da oficina a professora conhece quem são seus alunos e assim pode identificar seus interesses e suas dificuldades buscando alternativas para que o aprendizado seja significativo.

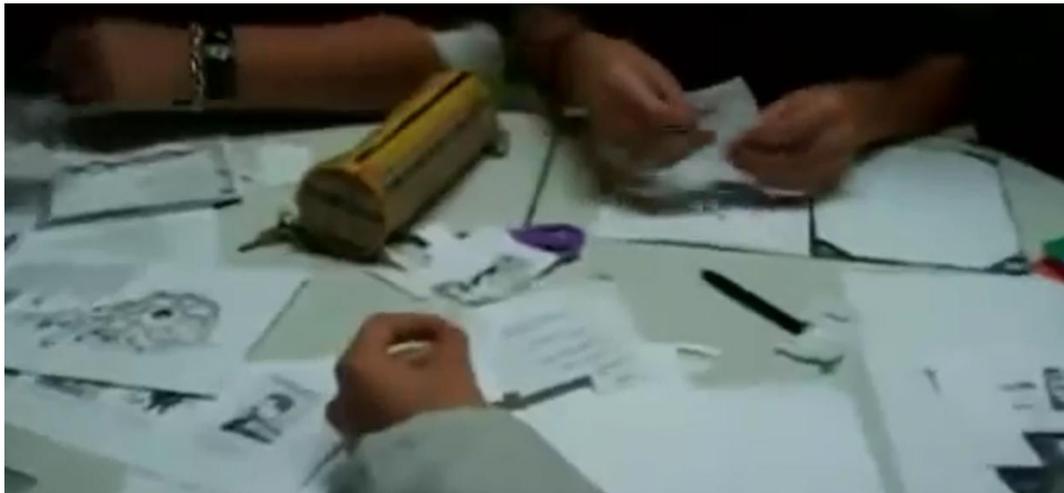


Figura 06 – Fotograma do filme Pro dia nascer feliz (2006) 44'32'' – estudantes reunidos na biblioteca realizando a oficina de Fanzine com acompanhamento da professora, e debatendo sobre as frases encontradas.

A partir da análise do filme, é perceptível que a escola pública precisa melhorar em diversos aspectos, a infraestrutura precisa ser pensada para atender o estudante

que a frequenta, oferecendo o suporte básico para as necessidades destes, como água tratada, saneamento, banheiros, quadras esportivas, salas com mesas e cadeiras para todos os estudantes, quadros negros que permitam que o professor possa dar a aula. Questões pedagógicas também precisam ser repensadas, pensando primeiramente em que condições o professor vem trabalhando, o porquê de tantas ausências, para então buscar alternativas para solucionar o problema, como feito pelo escola de São Paulo. Identificar os problemas é um primeiro passo para melhorar a educação brasileira, porém não se deve parar por aí, é necessária uma discussão com toda a equipe da escola, professores, funcionários e alunos e também com as secretárias de educação, para que a escola possa desenvolver a sua função social da melhor forma possível.

4.3 – As perspectivas das Juventudes, suas opiniões e anseios

Desde que a escola é conhecida como tal, ela vem calando as vozes da juventude. Os jovens não são vistos como sujeitos do processo de aprendizagem, e suas opiniões sequer são escutadas. João Jardim, busca no documentário mudar esta realidade, colocando os jovens para falar sobre suas visões sobre a escola, sobre a sociedade e suas aspirações futuras.

Na primeira escola, conhecemos duas estudantes. A primeira, 13 anos estudante do ensino fundamental, apenas relata a falta de infraestrutura da escola do município de Manari, e enfatiza que a escola é boa na aprendizagem, o que dificulta são outros estudantes que não prestam a atenção e atrapalham as aulas

A mulher de Recife veio dizer que a nossa escola não presta, que as professoras ensinam errado, e não sei mais o que. Mas eu acho que ela fez uma coisa muito errada porque aqui eles ensinam, é porque muitos alunos não prestam atenção. (Clécia, 7'57").

Ao contrario dos colegas, a estudante gosta muito de ir para a escola, diz aprender todos os dias, e mesmo estando doente não falta. Assim, é perceptível que gosta da instituição e aprova as atividades desenvolvidas, sendo o empecilho a falta de estrutura e o desinteresse dos demais estudantes.

A segunda estudante deste mesmo município, mas que frequentava a escola de ensino médio no município de Inajá relata a dificuldade com o transporte escolar, devido a ele muitas aulas eram perdidas. Para além disso, a falta de professores, ou o descompromisso de alguns, tornavam a ida até a escola sem sentido, o que demonstra o interesse da estudante em ir até a instituição para receber uma formação que seja relevante para a sua vida.

Ao comentar sobre o seu dia-a-dia, ela menciona que na maioria das vezes não se pode nem sonhar na região em que vive. Devido ao gosto pela leitura e pela escrita de poemas é vista com a estranha pelos demais colegas e desencorajada pelos professores que não acreditam que a autoria dos poemas seja dela.

*Eu poderia ser uma adolescente normal
 Se não tivesse uma família formada por 11 pessoas
 Eu deveria ter sido uma criança normal
 Se não fosse as responsabilidades que cumpria
 Eu deveria gostar do que faço
 Se não fosse obrigada a fazer
 Eu deveria frequentar ambientes de lazer
 Se não tivesse que trabalhar
 Eu deveria reclamar quando dizem algo que não gosto
 Se não tivesse inspiração para descrever a situação
 Eu poderia revindicar quando sou acusada injustamente
 Mas calma e humildade prevalece
 Eu deveria ter uma péssima impressão da vida
 Se não fosse a paixão que tenho pela arte de viver.
 (Mariana, 10'49")*

Sobre seu futuro a estudante menciona querer cursar turismo, relações internacionais, ou se profissionalizar em algo que envolva público, por ser uma atividade do seu interesse. Identificar as áreas de interesses dos estudantes é uma tarefa difícil, considerando a quantidade de estudantes em uma sala e a heterogeneidade entre eles. Porém, dar voz aos estudantes permite que se conheça essas características, bem como outras da vida deles. Conhecer o estudante permitirá que o ensino ministrado envolva a sua realidade e faça-lhe sentido.

Um ano depois das gravações dos depoimentos, a estudante do ensino médio de Pernambuco, estava finalizando o curso de magistério na mesma instituição. E finaliza sua participação com o seguinte poema

*Meu acalanto é a melodia do vento sobre a minha janela
A minha certeza é de que sempre que olhar para o céu terei
as estrelas protagonizando um belo espetáculo de que ao
anoitecer terei um singelo luar
E que no despertar de um novo dia terei novas esperanças
E no palco da vida terei uma plateia exclusiva para me
aplaudir em meio as contradições postas pelo
destino.(Mariana, 16'59")*

Em duque de Caixias, nos familiarizamos com o Jovem Deivison Douglas, um jovem que causa problemas na instituição, no que se refere a notas e ao comportamento. Através de seus relatos é perceptível que não acredita na educação que recebe, não consegue enxergar utilidade no que é passado em sala de aula. Este fato se revela quando Deivison alega já saber que seria passado pelo conselho de classe, mesmo não atingindo as nota. Entretanto após dizer isso à câmera enquadra o rosto do estudante, e muda-se a impressão do telespectador sobre a opinião do estudante quanto a sua aprovação, evidenciando uma contradição entre a fala e a expressão.



Figura 07 – Fotograma do filme *Pro dia nascer feliz* (2006) 29'19" – estudante Deivison Douglas comentando sobre a sua aprovação pelo conselho de classe da escola.

Deivison ainda diz sobre seu desempenho e comportamento:

“Sou bom aluno, sou inteligente pra caraca, ninguém acredita em mim, ninguém tem fé em mim. Eu sei a hora de zuar, eu sei a hora de ficar na minha, eu sei a hora de falar sério, eu sei a hora de falar brincando [...]” (Deivison Douglas, 23'21”)

Aqui podemos perceber mais uma vez, que para o estudante os conteúdos escolares não medem a sua inteligência, que não é a nota que definirá sua capacidade. E ainda, que os professores não conseguem enxergar essas capacidades, não o estimulam.

Sobre a sua vida, ele alega já ter se envolvido com drogas e utilizado armas devido a influências da região em que vive, desde criança. É que acha “maneiro” portar arma, principalmente em bailes, pois possibilita status e o interesse das mulheres. Porém, diz não deixar isso subir na cabeça, pois não precisa para a sua vida. Neste relato nos deparamos com um paradoxo, de um lado um jovem que cresceu em um meio suscetível a violência, tráfico de drogas, etc., que possui parentes trabalhando nesta área, que poderia ser introduzido facilmente, e de outro, o jovem que sabe das “vantagens” (status local, mulheres, dinheiro) de se entrar em esquemas de tráficos, mas que não acredita que precise disso para a vida, não acredita valer a pena esta atitude. Deivison menciona ter encontrado ocupação para as horas vagas e, assim, não

ficar na rua o dia todo, se afastando deste tipo de vida, através das atividades do Núcleo de Cultura da escola, que participa.

Quanto ao seu futuro, deseja seguir carreira militar, ser coronel, diz sonhar alto, pensar no futuro, quanto mais alto na carreira militar ele chegar, melhor será a sua aposentadoria. A carreira escolhida, novamente evidencia uma contradição, quando se considera o ambiente em que o estudante vive, e o fato de membros de sua família atuarem no tráfico de drogas.

Na última escola, do município de Piratininga, em São Paulo, as cenas começam mostrando-se uma aula, onde estudantes discutem sobre o amor, em poesias do romantismo. A aula é participativa, todos os estudantes falam, dão as suas opiniões, característica não vista até então nas demais escolas, que mesmo quando são questionados, os estudantes permaneciam quietos.

É neste contexto de classe, e escola, que conhecemos dois estudantes. Ronaldo, 16 anos, acredita que a educação, e a escola, não possuem a qualidade que é propagandeada.

Não só o governo, mas a escola em si, passa a imagem de que o ensino está melhorando, está melhorando, está melhorando, mas não está. Se estivesse melhorando a gente não precisava desse programa, o ProUniversitário, você não precisava de cotas em universidades públicas. Se estivesse melhorando você não precisava ficar fazendo isso. (Ronaldo, 38'00'')

É visível, neste depoimento, o descontentamento com a qualidade da educação da escola pública. Certamente há uma diferença entre o ensino de redes particulares e das redes públicas, que se refletem nos exames vestibulares, que comumente acabam por receber um número maior de estudantes da rede particular. Os estudantes da rede pública ficam dependentes das cotas sociais para garantirem uma vaga. O programa mencionado, ProUni, é uma das medidas para que estudantes de baixa renda tenham acesso ao ensino superior, em suma, a opinião do estudante remete a conclusão de que se a educação pública fosse de qualidade, não seriam necessários programas para

garantir esse acesso, os estudantes estariam preparados para concorrer com todos os outros a entrada na universidade pública.

Em roda de conversas, o estudante ainda relata o problema da falta de professores, que prejudicam o aprendizado, e outras alunas confirmam o problema. Problema este, logo justificado com a fala de professores e da direção da escola. A sequência da narrativa mostra o interesse na fala do estudante, isto é, se este é um problema que vem incomodando eles, questiona-se os responsáveis sobre o que acontece (fala dos professores) e quais as medidas que vêm sendo tomadas para que isto não ocorra (fala da diretora).

Finalizando a fala de Ronaldo, ele menciona já ter prestado vestibular para filosofia e ter conseguido uma boa colocação. Justifica a sua escolha pela filosofia, por gostar e pelo interesse em entrar em um seminário, congregação religiosa, no ano seguinte, pois essa é uma opção em que ele poderá ajudar as pessoas. Ainda diz, “*eu não vou ter profissão, assim. Eu vou ser padre, essa vai ser a minha profissão*”. Mesmo demonstrando interesse na formação no seminário, sabe das contradições presentes na sociedade sobre a atuação de padres, afinal não é uma profissão regulamentada e não é considerada uma profissão é sim uma missão, porém os padres atuam em congregações e recebem salários para isto.

Passa-se, então, para uma oficina de fanzine, lugar em que conhecemos a segunda estudante entrevistada. A partir de um pequeno texto escrito por ela, os integrantes abrem um diálogo sobre a homossexualidade

Dizem que sou doente, mas a minha doença sociavelmente absurda não tem cura, nem mesmo é doença, se chama amor pelo sexo que tenho, não sou fraco, sou apenas reprimido por ser a minoria que até Deus despreza. Quero apenas ter direitos como os outros porque não sou doente, sou apenas diferente. (Keila, 44'50'')

Opiniões diversas aparecem, a indignação com a família por não aceitarem, as influências religiosas, sociais, entre outras, são elencados como razões para se aceitar

ou não a homossexualidade. Novamente vemos a abertura para que os jovens falem e expressem suas opiniões.

Em seguida mostra-se a estudante em sua casa, comentando que a oficina, e a professora, a ajudou a enxergar o mundo de outra forma. Antes, o sentimento de morte aparecia como a solução dos problemas, seria mais fácil morrer, porém seria o último sentimento que ela sentiria. Optou por seguir em frente e continuar lutando.

Simplesmente sinto que as ideias dilaceram minha subta noia, como se as letras formassem a minha sentença. Pense e apenas pense, sou mais do que isso uma cômica agonia que dilata e dilata, o mundo não é o bastante para mim, tudo é apenas pouco ou nada, fico apenas no silencio, dizendo com ele tudo e com as palavras nada. (Keila, 47'14")

Um de seus interesses é a leitura e escrita de poemas, porém o sentimento de “não importância” predomina em alguns momentos. “*Será que eu consigo fazer alguém chorar com o que eu escrevo?*” (Keila, 47'44”), para escrever, a estudante sente a necessidade de estar triste, com raiva de alguma coisa, como no momento em que escreveu sobre a homossexualidade, com raiva do preconceito que via em sua mãe. “*Quando estou triste eu consigo decodificar o que penso*”(Keila, 48'22”), mas relata ter vergonha de mostrar seus poemas.

No ano da entrevista Keila terminou o ensino médio, e um ano após ela trabalhava em uma fabrica dobrando calças jeans. Quando questionada diz estar um pouco acomodada, não havendo momentos que proporcionem a ela pensar criticamente, fato que necessitava para escrever, pois falta algo que ela não consegue descrever. Quando questionada sobre o que desconfiava, ela menciona ser a escola, os amigos que depois de concluído o ensino médio perde-se o contato. “Pois, hoje em dia eu não converso tanto, é só do trabalho pra casa de casa pro trabalho, muda um pouco a rotina.”

Ao observar o relato dos estudantes é perceptível que os problemas que a escola enfrenta são compartilhados por todos eles, independente da região em que

vivem, a falta de infraestrutura e a assiduidade dos professores são apontadas como aspectos que interferem em suas aprendizagens. O futuro aparece como um sonho a se conquistar, um sonho possível, embora nem todos tenham tido as oportunidades necessárias para realizá-los.

Retomando a discussão acerca da representação ou não da realidade discutida anteriormente neste trabalho. Podemos asseverar que a obra *Pro Dia Nascer Feliz*, retrata a situação de muitas instituições de ensino no Brasil, não é possível identificar o ponto de vista do diretor, visto que o mesmo toma o lugar de observador, interagindo o mínimo possível, deixando que os personagens falem de suas experiências e expectativas livremente. Neste aspecto, a obra se aproxima da realidade, pois utiliza espaços personagens reais, buscando, apenas, transmitir ao espectador as opiniões sobre a educação brasileira de quem vive a escola.

5. A INSTITUIÇÃO ESCOLAR PARTICULAR E AS JUVENTUDES APRESENTADAS PELO CINEMA BRASILEIRO

Em sua maioria, as obras cinematográficas ficcionais que retratam a instituição escolar brasileira trazem a escola particular em seu enredo. Os personagens geralmente pertencem a classes sociais mais altas, e quando não, frequentam a escola com a ajuda de bolsas. A situação social dos estudantes é um fator considerável para se pensar a representação dos jovens, embora passem pela mesma fase da vida, com indagações semelhantes, a vida que se leva e as influências, refletem nas soluções e modos de agir do jovem.

Para esta análise abordaremos a obra “As melhores coisas do mundo” de Laís Bodanzky¹¹ (2010). A opção por esta obra se justifica pelo fácil acesso, publicada integralmente no site Youtube, permite que várias pessoas tenham acesso sem custo. O enredo possui como tema de fundo a sexualidade que rodeia os estudantes, seja a sua própria, envolvendo a perda de virgindade, ou a sexualidade de familiares ou colegas. A escola aparece como o ambiente em que as situações e as soluções para os problemas surgem, principalmente através das relações estabelecidas com os colegas.

Cabe destacar que ao realizarmos a análise de uma obra ficcional precisamos considerar na metodologia que a obra, por mais que baseada em fatos reais, é algo pensado, produzido, idealizado. As cenas são construídas a partir de um roteiro pré-estabelecido, ou seja, desde o cenário até a fala dos personagens presenciamos algo ficcional, não existente.

¹¹ Filha do cineasta paulista Jorge Bodanzky, seguiu os passos do pai e ingressou no cinema com o curta-metragem **Cartão vermelho** (1994). Nascida em São Paulo em 1969, conquistou reconhecimento já em sua longa-metragem de estreia, **Bicho de sete cabeças** (2001), conquistando diversos prêmios no Festival de Brasília de 2000, Festival de Biarritz, em 2001, Festival de Recife, entre outros. Recebeu dois prêmios no Festival de Cinema de Brasília, incluindo melhor filme do júri popular. É sócia da Buriti Filmes, em parceria com Luiz Bolognesi

5.1 – Breve relato da história do filme “As melhores coisas do mundo”

O filme “As melhores coisas do mundo” (2010), dirigido por Laís Bodanzky com duração de 106 minutos, tem como foco a vida de um adolescente que vem tentando se descobrir no mundo. A diretora relata que ela e sua equipe tiveram o cuidado de entrevistar vários jovens da faixa de quinze anos, estudantes de escolas particulares e de classe média, com o intuito de conseguirem uma aproximação maior com o seu objeto de estudo.

O protagonista, Marcelo, popularmente chamado de Mano, é um adolescente de quinze anos que passa por um momento delicado em sua vida, no âmbito pessoal, a perda de sua virgindade, e no âmbito familiar, a descoberta de que seu pai mantém um relacionamento com outro homem. A notícia da bissexualidade de seu pai afeta as relações de Mano com seus colegas, reveladas no medo da descoberta desta situação na escola e a reação da menina que ele gostava. Pertencente a uma família de classe média, filho caçula de pais professores, Mano é um personagem que vive a sua juventude sem muitas obrigações, não necessita trabalhar e frequenta aulas de violão, vai para a escola de ônibus com sua melhor amiga, com quem divide seus segredos. Dentre as indagações de Mano, a maior delas está em descobrir quem ele era, isto é, construir a sua identidade. Com o desenrolar da trama, percebe-se que o protagonista vai amadurecendo com suas experiências, começa aceitar a sua vida, vai encontrando aos poucos o seu lugar no mundo.

5.2 – As imagens do Colégio Paulista

O Colégio Paulista, pertencente ao enredo do filme “As melhores coisas do mundo” é uma instituição ficcional que funciona atendendo estudantes do ensino médio. Não fica especificado que tipo de cursos a escola poderia oferecer, subentendendo-se que àqueles que a frequentam cursam o ensino médio regular. A escola aparece como uma instituição bem organizada, sem problemas com infraestrutura, ótimos espaços para lazer e prática de esportes.

Na primeira cena em que aparece a escola, Mano está dormindo sobre uma mesa de ping pong, enquanto um zelador vane o pátio vazio, pois as aulas já haviam começado. Sua melhor amiga, Carol, o acorda e avisa para irem a sala para não perderem a segunda aula. Já nesta primeira cena, percebemos a liberdade dentro da instituição, o estudante poderia ficar dormindo no pátio enquanto aconteciam as aulas sem ser incomodado pelos profissionais. Ao chegarem na sala, olham pela janela na porta e veem o professor de física ministrando a aula e aguardam do lado de fora o sinal bater, embora tenham a liberdade de ir e vir dentro da escola, é perceptível que há regras, não se pode entrar dentro da sala depois que a aula já começou, por isto eles permanecem sentados do lado de fora. Assim que o sinal bate, muitos estudantes saem da sala e ficam nos corredores conversando.

A segunda aula mostra um laboratório com vários equipamentos que facilitam a aprendizagem, ou seja, permitem que se relacione teoria e prática escolar.



Figura 08 – Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 10'59" – estudantes no laboratório de biologia da escola, durante uma aula sobre Amebas.

Durante a aula no laboratório, é perceptível que alguns estudantes permanecem concentrados na explicação do conteúdo (sobre amebas) enquanto outros se aglomeram em uma mesa, praticando bullying através de desenhos.

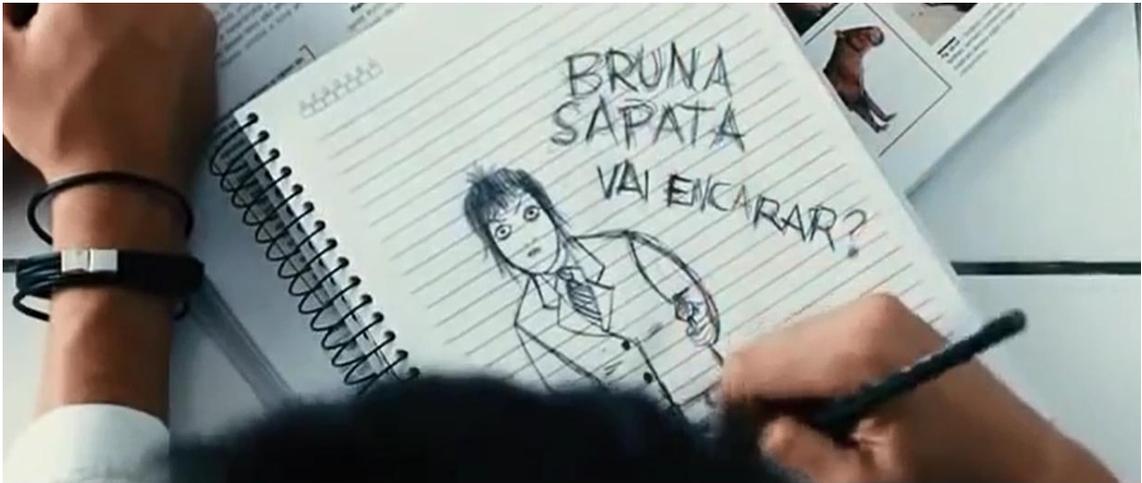


Figura 09 – Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 11'03" – grupo de estudantes realizando bullying com uma de suas colegas durante a aula de biologia no laboratório

A prática do Bullying na instituição é recorrente e acontece de diversas formas, principalmente através das redes sociais. A escola parece viver imersa a tecnologia e a comunicação dos estudantes se dá especialmente por bate-papo nas redes sociais. Aqui verificamos o motivo do medo do protagonista em que alguém da escola soubesse da orientação sexual de seu pai, pois a notícia poderia se espalhar rapidamente.

As aulas acabam, os portões de abrem e vemos muitos pais vindo buscar seus filhos de carro, outros permanecem com os colegas em frente a escola, e outros vão para a casa de ônibus, como nosso protagonista, que utiliza esse tempo para conversar com sua amiga sobre assuntos característicos dessa fase da vida. Após esta apresentação as cenas em que a instituição aparece mostra o ambiente cheio de estudantes, sempre segurando seus equipamentos (celulares, mp3, câmeras, entre outros) revelando a importância da tecnologia para a trama. Mostram-se cenas das salas e corredores vazios após o término das aulas e as ruas que cercam a instituição, com aglomerações de estudantes.

Há também uma questão que envolve o trabalho da docência, no caso representando um professor de física com um perfil de professor motivador. Nesta trama o professor se envolve com os estudantes, busca outras maneiras de explicar o conteúdo, procura metodologias diferenciadas, sai da monotonia do livro didático. Fato este representado quando uma aluna demonstra não entender o conteúdo, e enquanto

os demais alunos se voltam para esta aluna e o professor, este pede para que fechem os livros e prestem a atenção no que ele falará.



Figura 10 – Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 28'16" – professor de física auxiliando uma estudante com os exercícios do livro didático.

Esse mesmo professor acaba se envolvendo com uma das alunas, que ocasiona um beijo roubado por ela. Tal situação gera uma polêmica na escola e o mesmo é demitido da instituição. A solução encontrada pela direção para amenizar os problemas com os pais e/ou responsáveis gerou uma revolta dos estudantes que possuíam um vínculo com este professor. Diante dessa situação, os estudantes decidem se organizar e fazer algo para trazer novamente o professor de física para a escola, a opção encontrada foi um abaixo-assinado dos estudantes do primeiro e segundo ano com a seguinte introdução:

Nós alunos abaixo assinado, queremos a volta do professor Arthur, porque a aula dele não tinha lista de chamada e era a aula mais cheia da escola, e porque a nossa colega admitiu publicamente, e diz isso na frente dos pais se for preciso, que foi ela que deu um beijo nele. Botar o Arthur para fora é uma violência que os pais e a escola estão fazendo com o professor que a gente admira e confia (Abaixo-Assinado dos estudantes do colégio Paulista 1:13:26)

Tal texto foi escrito por Mano, na tentativa de reconquistar a melhor amiga, depois de ter relatado a diretora que o professor havia a seduzido, mesmo sabendo da verdade. E lido durante uma reunião de pais em que foram discutidos dois pontos de vista: (1) o professor como culpado, visão defendida pela mãe de Mano, alegando que um professor tem uma forte influência sobre os estudantes e um poder enorme de sedução. (2) o professor como vítima, defendido por uma das mães presentes, alegava que o mundo havia mudado e com todas as tecnologias e os meios que os estudantes tem acesso, naquele caso, talvez a menina não fosse a vítima. Depois de a Diretora ter lido o abaixo-assinado e mencionar a autoria de Mano, sua mãe fica sem palavras para defender seu ponto de vista.

É interessante mencionar o impacto que as cenas da reunião de pais nos telespectadores, a quantidade numerosa de pais e/ou responsáveis comparecendo a escola. Porém, o fato não necessariamente evidencia que os mesmos participem da educação dos filhos, visto que estavam ali para deliberar sobre o envolvimento do professor de física com uma aluna.



Figura 11 – Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 1:12'00" – pais dos estudantes reunidos em reunião para deliberar sobre o caso do professor de Física, Arthur.

Para além desta representação da participação parental, este caso do professor de física, evidencia outra característica dos estudantes. São organizados, se agrupam em torno de uma causa e conseguem seu êxito. Além deste abaixo-assinado é

representado a disputa pelo grêmio da instituição. Concorrem três chapas e todos os alunos se envolvem, discutem, realizam debates, questionam. Embora a jornalista da escola, que mantém um blog publicando todas as notícias da escola relate no momento da apuração: *“Parece que a eleição das chapas não é a coisa mais ‘win’ da escola, quase tem mais candidato do que voto na urna”*. A chapa liderada pelo protagonista não vence as eleições, mas nem por isso eles se desanimam.

Resumidamente, o que se percebe na trama é que a escola ocupa o espaço de interação dos sujeitos, socialização, enquanto o conhecimento fica em segundo plano. Os espaços são grandes, possibilitando a circulação sem aglomerações desnecessárias, a tecnologia toma conta do cenário escolar, todos possuem celulares conectados à rede de internet, as lousas são modernas, é possível ser utilizado Datashow nas aulas, pois o equipamento fica visível nas cenas. Entre outras características que diferenciam visualmente as imagens de escolas públicas das imagens de escolas particulares.

5.3 – As juventudes de classe média e seus anseios

Desde a ascensão da população da baixa renda para a classe média, há uma preocupação constante em se manter nesta categoria. Uma das soluções encontradas envolve a educação dos filhos, pois quanto mais escolaridade, e de qualidade, melhores serão os empregos no mercado de trabalho. No filme analisado percebemos esta preocupação na fala de um dos pais durante uma reunião: *“nós estamos pagando e não estamos pagando pouco”*, investir financeiramente na educação tem sido uma prática recorrente entre a população de classe média, pretendendo garantir um futuro para seus jovens. Mas, o que esses jovens pensam sobre seu futuro?

No filme *As melhores coisas do Mundo*, não é possível identificar preocupações diretas dos jovens com o futuro, há uma forte preocupação com o presente, com a opinião dos colegas sobre determinados assuntos, especialmente no que concerne a

sexualidade. A orientação sexual do pai do protagonista, a virgindade, o relacionamento entre professor e aluna aparecem como central na trama.

Desde a primeira cena vemos Mano frequentando uma casa de prostituição para perder sua virgindade sobre influência de seus amigos. Porém ele não chega a transar com a moça, apenas permanece com ela no quarto para que seus colegas acreditem que ele não é mais virgem. É perceptível neste ato que o fato de não ser virgem é importante para o grupo a que Mano pertence, não importando com quem se perde a mesma.

Durante uma festa de quinze anos de uma das colegas de Mano, vemos o protagonista conseguindo beijar a garota que gostava, Valéria, e ao mesmo tempo percebe o desinteresse dela por um relacionamento sério, mas isto não o faz desistir de conquista-la, continua demonstrando seu interesse. Depois de ter uma foto sua publicada e divulgada com a escola toda, Valéria fica sem ir à escola e Mano vai visitá-la, neste encontro o protagonista tem sua primeira vez, sai da casa dela de bicicleta com um sorriso no rosto, demonstrando a felicidade por ter ficado com a moça.



Figura 12 – Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 35'56" – Mano voltando da casa de sua colega Valeria após ter tido sua primeira relação sexual.

Em meio a todos estes acontecimentos envolvendo sua sexualidade, Mano tem a notícia de que seu pai está se relacionando com outro homem. Isto abala profundamente o protagonista que fica sem saber que decisão tomar. As cenas são gravadas de forma que fazem o telespectador sentir o mundo rodar enquanto o personagem permanece intacto, na tentativa de explicitar os sentimentos pessoais do

personagem. Em outras cenas vemos Mano e seu irmão Pedro menosprezando seu pai, por ter “abandonado” a família e estar vivendo com outro homem. Frases como “Seria melhor minha mãe ter ficado viúva do que isso”, “se era pra acontecer uma desgraça, não poderia ser uma desgraça normal”, “A melhor coisa que poderia acontecer é ter um pai boiola”, entre outras que evidenciam a dificuldade dos irmãos em aceitar a opção sexual de seu pai.

Com o desenrolar da trama é possível perceber a mudança de concepção dos mesmos, com a ajuda de Eduardo – namorado do pai de Mano – eles conseguem salvar a vida de Pedro, que havia tentado suicídio por não aceitar o fim de seu namoro, e com a convivência passam a aceitar aos poucos a vida que seu pai decidiu seguir.

O fato da tentativa de suicídio de Pedro, evidencia, mais uma vez a preocupação com o agora, e não com o futuro. Pois, o mesmo considerava que sem a sua namorada não haveria o futuro, não haveria motivo para viver. Relata se sentir uma bomba relógio, a ponto de explodir a qualquer momento. Mano começa a tocar uma música no violão que faz seu irmão lembrar dos momentos felizes que passaram juntos, restaurando, de certa forma, as esperanças do irmão. Nesta mesma cena percebemos a importância da família na representação da vida dos jovens, por mais que a família de Mano não fosse estruturada na forma convencional (pai, mãe e irmãos), eles sempre estão juntos, participando da vida um do outro, dando força e conselhos sempre que necessário.

Ao final vemos Mano e Carol se entenderem e se beijam, passando subjetivamente a ideia para os telespectadores de que o verdadeiro amor esta mais perto do que pensamos, só precisamos prestar mais atenção nos detalhes.



Figura 13 – Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 1:25'36" – Mano e Carol se beijam no hospital em que Pedro está internado, após prometerem não decepcionarem um ao outro.

Ao analisarmos o filme como um todo, podemos identificar alguns estereótipos presentes na sociedade que são reproduzidos, como por exemplo, a questão da homossexualidade, que durante a trama é tratada como assunto que precisa ser escondido, a não aprovação dos filhos, entre outros aspectos que acabam por ser indiretamente questionados ao final, quando presenciamos o companheiro do pai do protagonista ajudando a família na tentativa de suicídio do irmão de Mano. Assim, é possível identificar uma tentativa de quebra de estereótipos a partir da exposição dos mesmos. Revelando aonde eles se encontram, e de que forma se manifestam, para então apresentar aspectos que fazem com que o telespectador repense a imagem do personagem.

Ainda que a obra *As melhores coisas do mundo* seja ficcional, os espaços e diálogos construídos para a gravação condizem com os espaços de escolas particulares de ensino e a relação estabelecida entre os sujeitos. Porém, deve-se salientar que é uma obra pensada para evidenciar aspectos específicos, que envolvem o ponto de vista de quem a produziu, ou seja, não é possível pensar como uma representação fiel da realidade e sim uma representação de momentos específicos mergulhados em ideologias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a maneira como o cinema representa a escola e a juventude é refletir sobre os imaginários destas duas categorias na sociedade, imaginários estes pertencentes ao senso comum que muitas vezes não são fieis a realidade pelo fato de não se conhecer sobre determinado assunto.

Ao estudar juventudes representadas nos referidos filmes da recente cinematografia brasileira, com histórias protagonizadas por personagens jovens, é preciso estar ciente de que tanto no gênero documentário como na ficção há uma intencionalidade no que é mostrado, há a mão dos diretores que, querendo ou não, transpassam suas ideologias nas cenas.

A obra *As melhores coisas do mundo*, publicado no youtube em 31/03/2014 e tendo 374.775 visualizações até a data de 03/11/2014, destaca um núcleo familiar e uma escola, tendo como atores principais, Mano e Pedro. Eles se veem em processo de amadurecimento ao vivenciarem diversas questões pelas quais nunca haviam passado. Há uma mistura de temas como divórcio e discórdia com os pais, a primeira relação sexual, bullying, decepções amorosas e a conturbada relação entre seus colegas de sala. Tudo isso construído por uma linguagem que privilegiou a transparência dos artifícios utilizados e, para isso, lançou mão de figurino, linguajar e músicas para representar uma diminuta e importante parcela da juventude brasileira, jovens urbanos e com acesso à informação e renda, para os quais muitos produtos culturais e bens de consumo são direcionados.

Pro Dia Nascer Feliz, publicado em 26/07/2012 e visualizado por 262.755 até a data de 03/11/2014, retrata o adolescente com suas angústias e inquietações, e, em especial, a maneira como ele se relaciona com um ambiente fundamental em sua formação, a escola. Esta é o foco central de investigação da trama. O documentário é um diário de observação do adolescente brasileiro, onde os professores também expõem seu cotidiano profissional, ajudando a pintar um quadro complexo das desigualdades e da violência no país a partir da realidade escolar.

Quando comparamos estas obras tentando identificar características dos jovens e da escola percebemos pontos fundamentais.

Quanto à escola, há diferenças brutais como a infraestrutura, os materiais disponíveis para as aulas, o envolvimento do professor, a maneira de tratar os jovens. É possível mencionar que a metodologia educacional também é diferenciada, devido a infraestrutura da escola particular, pode-se oferecer laboratórios de estudo que facilitam a relação teoria e prática que não pode ser vista nas escolas públicas, quando estas possuem laboratórios são poucos equipamentos. Quanto aos professores, é visível que o professor de escola particular aparece mais motivado a ensinar, disposto fisicamente, e seus conflitos com os estudantes não existe, o único conflito existente é da equipe pedagógica e pais com uma situação. Já na escola pública os professores aparecem e relatam cansaço, a dificuldade em se continuar ministrando aulas, os conflitos com os estudantes. Ou seja, são visíveis as diferenças nas representações de professores da rede particular e da rede pública.



Figura 14– Fotograma do filme Pro Dia Nascer Feliz (2006) 20'12'' – cena da sala de aula vazia da escola do município de Duque de Caixias / RJ



Figura 15 – Fotograma do filme As melhores coisas do Mundo (2010) 19'14'' – Cena da sala de aula vazia do Colégio Paulista

No que concerne aos estudantes percebe-se um fator relevante. No documentário o diretor busca desconstruir a imagem de que jovens de classe baixa, que moram em favelas são descompromissados, perdidos no mundo das drogas, sem perspectivas de futuro. Ao dar voz a estes jovens percebemos que sim, muitos estão ou já estiveram neste mundo da violência, drogas e etc., porém muitos lutam por um futuro melhor, e buscam na educação um caminho de melhorar suas perspectivas de vida. Não é possível tratarmos os jovens homogeneamente, pois existem diversas formas de ser e estar no mundo. Já na obra ficcional, os diretores trazem imagens de jovens de classe média envolvidos com drogas lícitas, como o cigarro e bebidas alcoólicas, porém, não é abordado questões relativas ao futuro dos jovens, não sendo possível realizar a comparação com os estudantes de escola pública. Em suma o que podemos averiguar é que ambas as obras mostram jovens de diferentes origens sociais, raciais, entre outras, que buscam aproveitar esta fase de vida, das mais diversas formas, e compreender o mundo em que vivem.

Esta pesquisa não pretendeu encerrar os questionamentos quanto a representação do jovem e da escola na cinematografia brasileira, nem nos filmes aqui analisados. A opção pelas obras se deu pela temática que abordavam e pela facilidade de acesso ao material, durante a análise se deu preferência a aspectos que contribuíssem para a pesquisa, alguns aspectos foram engavetados, e podem ser retomados e discutidos por futuras pesquisas, como outras obras fílmicas podem servir de objeto de estudo para se compreender o imaginário social sobre as juventudes e a escola.

Por fim, vale destacar, que o intuito de se estudar as juventudes representadas nos filmes examinados aqui não pode ser confundido com a busca de um retrato social marcado. Pelo contrário, o recorte se pautou justamente pela diversidade das obras, nos seus variados aspectos, tais como: espaços encenados, enredos e os sujeitos jovens inscritos na tela. As culturas juvenis contemporâneas se fazem presentes através da exposição dos diversos modos de vivenciar a juventude, sempre inscritas em contextos socioculturais, econômicos e políticos distintos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wender; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira**: Análise de uma pesquisa Nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2005

AUMONT, J. et ai. **A Estética do Filme**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BARRIENTOS-PARRA, Jorge. O Estatuto da Juventude: Instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens. In: **Brasília a**. 41 n. 163 jul./set. 2004. Disponível em:
<http://www.uje.com.br/estatutodajuventude/arquivos/EstatutodaJuventudecomentado.pdf>

BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema Brasileiro**: Propostas para uma história. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2009

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In:____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983

CÂMARA, Antônio da Silva; LESSA Rodrigo Oliveira; MIRANDA, Renan Souza. **A Sociologia da Arte e as Representações Sociais no Cinema Documentário**. In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. 2009

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. In: **Movimento**, Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, n. 1, p. 11-26, maio 2000

_____. Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade, Ano de obtenção. Tese de Doutorado em Educação da Universidade Federal Fluminense, UFF. Defendida em 1999.

CODATO, Henrique. Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis. In: **Verso e Reverso**, XXIX(55): 47-56, janeiro-abril 2010 . Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/44>> Acesso em 02 de julho de 2014

DAYRELL, Juarez Tarcisio. A escola “faz” as juventudes? Reflexão em torno da socialização juvenil. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v.28, n.100 - Especial, 2007, p. 1105 – 1129

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 5/6, n.24, p. 40-52, 2003

DAYRELL, Juarez Tarcisio; REIS, Juliana Batista. Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no Ensino médio. In: **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**. GT09: Ensino de Sociologia. Recife (PE). 2007

DAYRELL, Juarez Tarcisio; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventude e Ensino Médio: Quem é este aluno que chega à escola? In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FLORIO, Marcelo. A linguagem cinematográfica como objeto de estudo interdisciplinar. In: Anais do **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM**. 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0303-2.pdf>> Acesso em 05 de julho de 2014

GUTFREIND, Cristiane Freitas. O filme e a representação do real. In: **Revista Compós** (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação). 2006. Disponível em: <<http://www.compos.com.br/e-compos>> Acesso em 02 de julho de 2014

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

LASSANCE, Antonio. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wender; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira**: Análise de uma pesquisa Nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2005.

LEÃO, G.; DAYRELL, Juarez Tarcisio; REIS, Juliana Batista. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio . In: **Cad, Cedes, Campinas**, vol. 31, n. 84, maio-ago 2011, p. 253 – 273. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

MANNONI, Laurent. **A grande arte da luz e da sombra: arqueologia do cinema.** São Paulo: Ed. SENAC: Ed. UNESP, 2003.

MARCELLO, Fabiana de Amorin; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para pensar a Pesquisa em Cinema e Educação. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.36, n. 2, p. 505 – 519. 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade> Acesso em 22 de junho de 2014

MELO, L. C. M.; SOUZA, G. S.; DAYRELL, J. T. Escola e Juventude: uma relação possível? In: **Revista Paidéia**, Belo Horizonte, ano 9, n. 12, jan-jun 2012, p. 161-186. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/1584>

MORAES, Amaury Cesar. **A Escola Vista pelo Cinema.** II Congresso Luso-brasileiro de História da Educação: Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. Faculdade de Educação - USP. 1998

PEREIRA, Ordilei Dias. O Filme como Objeto de Estudo das ciências Sociais. In: **Ensaio Tela Crítica.** 2005. Disponível em: <<http://www.telacritica.org/ArtigoOdirleyTelaCriticarevista.htm>> Acesso em: 19 de junho de 2014

RIBEIRO, R.; NEDER, H. **Juventude(s): Desocupação, pobreza e escolaridade.** Nova Economia: Belo Horizonte, Set-Dez/2009. p.475-506. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/neco/v19n3/a04v19n3.pdf>>> Acesso em: 19/10/2014

ROSSINI, Miriam de Souza. O corpo da nação: imagens e imaginários no cinema brasileiro. **Revista Famecos.** N°34 - dezembro de 2007

SHOHAT, E.; STAM, R. Esteriótipo, realismo e luta por representação. In: _____. **Crítica à imagem eurocêntrica.** Cosacnaify. 2006. p 261 – 312

SPOSITO, Marília. **Os jovens no Brasil:** desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa. 2003

TOMAZETTI, E. M.; RAMOS, N. V.; SALVA, S.; OLIVEIRA, A. M.; SCHILICKMANN, V. Entre o “gostar” de estar na escola e a invisibilidade juvenil: um estudo sobre jovens de Santa Maria, RS. In.: **Educação, Santa Maria**, v.36, n.1, jan-abr 2011. P. 79-94.

Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/2913/1666>>

XAVIER, Ismael. (Org.) **A experiência do Cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Graal: 2003.

_____. Cinema: Revelação e Engano. In. **O Olhar**. Org. NOVAES, A. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **A experiência do cinema**: antologia. 4. ed. São Paulo: Graal, 2008